



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DO PANTANAL**

LÍVIA GALHARTE GAERTNER

A COMUNICAÇÃO IMPRESSA NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

**CORUMBÁ - MS
2010**

LÍVIA GALHARTE GAERTNER

A COMUNICAÇÃO IMPRESSA NA FRONTERIA BRASIL-BOLÍVIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus do Pantanal, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Ocupação e Identidades fronteiriças

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela Villa da Silva

**Corumbá - MS
2010**

LÍVIA GALHARTE GAERTNER

A COMUNICAÇÃO IMPRESSA NA FRONTERIA BRASIL-BOLÍVIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus do Pantanal, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Aprovado em ____/____/____ com Conceito

_____.
Recomendado para publicação: (x) sim () não

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela Villa da Silva
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

1º avaliador: Prof. Dr. Milton Augusto Pasquotto Mariani – PPG-MEF
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

2º avaliador: Prof. Dr. Marcelo Vicente Cancio Soares (CCHS – CPCG)
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

RESUMO

Mais do que a efemeridade das palavras do rádio, da imagem da televisão e do frenético tempo virtual do fluxo de notícias da Internet, o mais antigo veículo de comunicação (jornal impresso) ainda resguarda um retrato fiel e detalhado das relações entre ele e a comunidade a qual se dirige. Por isso, pensar e estudar a forma como a mídia, sobretudo a impressa, se comporta, se organiza na região de fronteira é descobrir particularidades tão singulares, nuances de uma relação moldada na intermitência de se reconhecer e se estranhar. É dar-se conta de que a notícia não apenas informa, mas molda uma identidade construída no dia-a-dia da convivência que vai além de limites geográficos impostos. Assim, o presente estudo tem como foco as produções jornalísticas impressas na fronteira Corumbá (Brasil) - Puerto Quijarro/Puerto Suárez (Bolívia), partindo de uma leitura rigorosa e crítica centrada nas bases da Análise do Conteúdo. Como produto esperado, a pesquisa apresenta um catálogo com todas as empresas de comunicação que atuam nesta fronteira, incluindo todas as modalidades: TV, rádio, sites, jornais, dentre outros que atuam na região.

Palavras-chave: jornal impresso, jornalismo, comunicação, fronteira Brasil-Bolívia, Livia Galharte Gaertner.

RESUMEN

Más que la brevedad de las palabras de radio, de la imagen televisiva y del frenético tiempo virtual del flujo de noticias de internet, o el más antiguo vehículo de comunicación (periódico impreso) todavía resguarda un retrato fiel y detallado de las relaciones entre éstos y a la comunidad a que se extiende. Por eso, pensar y estudiar la forma como los medios de comunicación, sobretudo la prensa se comporta y se organiza en la región de frontera es descubrir particularidades singulares, además de poder ver diferentes aspectos de una relación moldeada en la intermitencia de reconocimiento o extrañamiento. Darse cuenta de que la noticia no sólo informa si no también moldea una identidad construida día a día de la convivencia que supera la faja y límites geográficos de la frontera. Así, el presente estudio tiene como enfoque las producciones periodísticas impresas en la frontera Corumbá (Brasil) – Puerto Quijarro/Puerto Suárez (Bolivia), partiendo de una lectura rigurosa y crítica centrada en el análisis del contenido. Como producto esta investigación trajo un listado de todas las empresas de comunicación que actúan en esta frontera e incluye todas las modalidades: TV, radio, sitios, periódicos, entre otros que actúan en esta región.

Palabras clave: periódico impreso, periodismo, comunicación, frontera Brasil-Bolívia, Livia Galharte Gaertner.

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Eliney Gaertner, pelo exemplo de força e perseverança nos momentos mais difíceis desta jornada.

A minha mãe, Eliane Galharte Gaertner, por impor lições cotidianas no meu aprimoramento como ser humano.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus pelo dom da vida e por sempre colocar em meu caminho pessoas que fazem a diferença;

especialmente, à minha orientadora, professora Dr^a. Rosangela Villa da Silva, pelo incentivo em busca do aprimoramento do conhecimento, pela certeza em acreditar em meu potencial e por sempre se demonstrar solícita a qualquer necessidade por mim exposta durante o desenvolvimento desta pesquisa;

ao professor Dr. Marcelo Vicente Cancio Soares, pela generosidade com que trouxe importantes contribuições na formulação do processo de pesquisa;

ao professor Milton Augusto Pasquotto Mariani pelas contribuições valiosas para a prática da pesquisa;

à professora Suzana Vinicia Mancilla Barreda por apresentar-me a cultura de sua terra natal em várias incursões pela fronteira;

à Marcelle de Saboya Ravanelli, que como amiga e companheira da empreitada de investigações sobre a fronteira, contribuiu para a execução de ações que geraram o resultado apresentado;

aos jornalistas André Navarro, Rosana Nunes e Marcelo Fernandes, pela oportunidade de, durante o cotidiano profissional, inculcaram-me a certeza de minha paixão pelo jornalismo;

a todos os colegas de profissão do Brasil e da Bolívia que contribuíram direta ou indiretamente para o levantamento de dados desta pesquisa;

e, finalmente, ao Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços pela chance de colocarmos um olhar crítico sobre uma região que fala muito sobre quem, como nós, molda sua identidade na vivência das singularidades e diferenças face ao outro.

As fronteiras foram riscadas no mapa, a Terra não sabe disso: são para ela tão inexistentes como esses meridianos com que os velhos sábios a recortavam como se fosse um melão. É verdade que vem sentindo há muito uns pruridos, uma leve comichão que às vezes se agrava: ela não sabe que são os homens... Ela não sabe que são os homens com as suas guerras e outros meios de comunicação.

Terra, por Mário Quintana

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa da Localização da Semi-Conurbação (Corumbá-Ladário-Puerto Quijarro-Puerto Suárez): 2009	27
Figura 2: Esquema de classificação de fronteiras	28
Figura 3: Fotos de pichações ofensivas a bolivianos em muros de Corumbá: 2009	30
Figura 4: Esquema gráfico de Puerto Quijarro com principais <i>cantones</i> e comunidades	34
Figura 5: Foto da fachada da estação ferroviária da cidade de Puerto Quijarro: 2009	35
Figura 6: Foto da entrada para Puerto Aguirre e fachada da Zona Franca: 2009	36
Figura 7: Foto do mirante instalado às margens do Rio Paraguai na cidade boliviana e Puerto Quijarro	39
Figura 8: Reprodução de trecho bilíngue do Diário do Festival: 2007	48
Figura 9: Capas em versão nas línguas Espanhola e Portuguesa do jornal Sin Fronteras: 2009	49
Figura 10: <i>Canillitas</i> vendendo jornais pelas ruas de Arroyo Concepción-Bolívia: 2010	50
Figura 11: Foto do estúdio da TV Carolina em Puerto Quijarro: 2009	54
Figura 12: Foto do estúdio da TV Unitel em Puerto Quijarro Suárez: 2009	54
Figura 13: Fotos de algumas capas dos jornais analisados na pesquisa	62

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1: Quadro comparativo entre os ordenamentos político-territoriais da Bolívia e do Brasil	25
Tabela 2: Assuntos correspondentes a cada editoria jornalística utilizadas durante a pesquisa dos jornais locais	64
Gráfico 1: Ocorrências de UR's Bolívia/Fronteira e derivações, conforme categorias de valor	65
Gráfico 2: Referências positivas para UR's conforme editorias	68
Gráfico 3: Referências negativas para UR's conforme editorias	70
Gráfico 4: Referências de localidade para UR's conforme editorias	72

LISTA DE SIGLAS

AC – Análise do Conteúdo

AHIPAR - Administração da Hidrovia Paraná-Paraguai

AGETRAT - Agência Municipal de Transporte e Trânsito de Corumbá

AM - Amplitude Modulada

FM – Frequência Modulada

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INE – Instituto Nacional de Estadística

NOB - Estrada de Ferro Noroeste do Brasil

PIB – Produto Interno Bruto

UR's – unidades de registros

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	12
2 DELIMITAÇÃO DA REGIÃO	15
2.1 TER TERRITÓRIO (OU FAZÊ-LO?)	15
2.2 FRONTEIRA/FRONTERA	17
2.3 INTERAÇÃO FRONTEIRIÇA: NECESSIDADE DE LEGITIMAÇÃO.....	19
2.4 ORDENAMENTO TERRITORIAL E POLÍTICO: DESFAZENDO EQUÍVOCOS DAS COMPARAÇÕES	22
2.5 AS CIDADES ESTUDADAS: SEMI-CONURBAÇÃO.....	25
2.5.1 <i>Corumbá</i>	31
2.5.2 <i>Puerto Quijarro</i>	33
2.5.3 <i>Puerto Suárez</i>	37
3 ASPECTOS DA COMUNICAÇÃO FRONTEIRIÇA	41
3.1 A NOTÍCIA DAQUI.....	41
3.2 QUANDO O LOCAL É A FRONTEIRA	42
3.3 A QUESTÃO PROFISSIONAL.....	44
3.4 OS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO DA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA	47
3.4.1 <i>Jornais</i>	47
3.4.2 <i>Televisões</i>	53
3.4.3 <i>Rádios</i>	55
3.4.4 <i>Sites de notícias</i>	58
4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	61
5 ANÁLISE DOS TEXTOS SELECIONADOS	65
5.1 REFERÊNCIAS POSITIVAS.....	66
5.2 REFERÊNCIAS NEGATIVAS.....	68
5.3 REFERÊNCIAS DE LOCALIDADE.....	71
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
ANEXOS	81

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Ao decidir participar do processo de seleção para o recém-implantado Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços, no ano de 2008, sabíamos do desafio que estaria nos aguardando em caso de uma aprovação. A expectativa se transformou em realidade com a aprovação em todas as quatro etapas de seleção (avaliação de pré-projeto, prova escrita, prova de língua estrangeira e entrevista) e despertou uma grande responsabilidade em produzir um trabalho coeso com a proposta do programa de pós-graduação inédito na região, afinal em mais de 40 anos de existência do Câmpus do Pantanal, este foi o primeiro em nível de mestrado.

Quando o pré-projeto foi elaborado, tínhamos outro nível de consciência sobre a fronteira: algo ainda bastante incipiente diante das variáveis de relações que a redefine a cada momento. Impressões de quem nasceu e vive numa fronteira e dela se relaciona apenas em aspectos de ordem funcional, sobretudo no âmbito comercial. Observar e interagir com a fronteira Corumbá (Brasil)/Puerto Suárez-Puerto Quijarro (Bolívia), indo além da imagem propalada do paraíso das compras de produtos importados e de lugar permissivo para ilícitos, nos fez enxergar uma nova Bolívia: rica em cultura e com um povo humilde e sempre pronto para uma aproximação amistosa.

Durante o cumprimento de créditos do programa de mestrado, que ocorreu concomitantemente, com investidas no território boliviano a fim de levantar contatos e dados preliminares, o projeto foi ganhando nova face. De uma proposta inicial baseada na comparação das formas de atuação dos profissionais e na produção de notícias para os jornais impressos desta fronteira, rumou-se para um passo anterior. Afinal, nos demos conta de um fato que levaria nossa metodologia comparativa à falência, já que não há nenhuma produção impressa local nas cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suárez, panorama bem diferente do visto em Corumbá. Nossa primeira hipótese e que norteava a pesquisa, foi derrubada logo de início: a de que tanto os jornais da Bolívia como os do Brasil, existentes nessa faixa de fronteira, relatavam assuntos de interesse em comum das comunidades que povoam a região.

Mesmo com essa configuração, não desprezamos o jornal impresso como objeto de pesquisa, uma vez que era de nosso conhecimento a ausência de estudo sobre esse veículo comunicacional na fronteira em questão e um dos motivos, talvez, seja o quadro apresentado acima. Sabíamos de alguns trabalhos que analisavam a comunicação na

região, mas sobre os aspectos de determinadas modalidades de comunicação em massa como o rádio do qual destacamos a pesquisa “A informação jornalística em rádios de fronteira: a questão da binacionalidade em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Porto Quijarro”, da professora Daniela Cristiane Ota, concluída no ano de 2006, pela USP. Ainda tínhamos acesso à tese de doutoramento da professora Karla Müller, datada do ano de 2003, sobre os jornais impressos, porém na fronteira mais ao sul do país. O título: “Mídia e fronteira – Jornais locais em Uruguaiana-Livres e Livramento-Rivera”.

Outro fator que contribuiu para manter essa escolha foi o fato da nossa experiência profissional no ramo impresso do jornal diário que se desenvolve há cerca de 3 anos, já que o Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços traz em sua natureza a característica de um mestrado profissionalizante

Assim, fizemos adequações e fixamos a partir de então, o nosso objetivo, na maneira como é apresentado, dentro dos textos de jornais locais da cidade de Corumbá, o conteúdo acerca da região fronteiriça e do país vizinho (Bolívia). Como característica de um trabalho que abrirá as portas para próximos estudos, julgamos que, antes de detalhar como as relações de profissionais de comunicação se expressam no cotidiano entre essas duas faixas territoriais, precisaríamos expor como esses espaços são compreendidos, reafirmados e construídos dentro do texto jornalístico, que é sabido que impõe forte influência na formação do simbolismo dentro de uma comunidade.

Para isso, buscamos aporte teórico metodológico na Análise do Conteúdo, sob os referenciais de Laurence Bardin (1977). Os caminhos apontados nesta forma metodológica, nos deu liberdade para promover uma leitura sob o foco da fronteira e da Bolívia, segmentando os textos de acordo com as ocorrências de unidades de referência. As UR's, em nosso caso, foram as palavras Fronteira, Bolívia e suas variáveis (fronteiriço, fronteiriços, fronteiriça, fronteiriças/boliviano, bolivianos, boliviana, bolivianas). Toda a trajetória da metodologia está descrita no capítulo 4.

Como nova hipótese, agora dentro de uma metodologia possível de ser aplicada diante do panorama apresentado, projetou-se a tendência dos jornais locais de Corumbá a seguirem um discurso nacional, de que a fronteira é um lugar de permissividade a ilícitos e à criminalidade em geral. Avaliando os possíveis reflexos dessa proposição, traçamos outra hipótese: a de que os jornais locais de Corumbá pouco contribuem para a formação de uma identidade fronteiriça.

A terceira hipótese aventada foi a de que, haveria algum nível de contato, mesmo que não tão frequente, entre profissionais e empresas de comunicação, já que atuam, por vezes, em pautas de interesses comuns. E esta mostrou-se intimamente ligada com outro objetivo por nós traçado: elaborar uma listagem com todas as empresas de comunicação desta região de fronteira, independente de sua modalidade. Rádios, televisões, sites de notícias e jornais, formando uma incrível malha de cobertura. Ter acesso aos profissionais, às sedes das empresas foi uma tarefa que exigiu empenho, principalmente, no lado boliviano pela falta de um bom domínio do idioma Espanhol e pelo desconhecimento da ordenação geográfica praticada nessas localidades.

A rotina de ler jornais, assistir telejornais, ouvir rádios e acessar sites de notícias estendeu-se para produções realizadas em território boliviano, a fim de coletar materiais para análise; felizmente a prática se incorporou e permanece como um hábito. Criou-se um vínculo com o país até, então, visto, mas não conhecido.

Ao pensar na formatação da dissertação, inserimos segmentações em capítulos que compartmentam o grande volume de informações oriundas da leitura e da vivência intensa com a temática investigada. Assim, temos, logo de início, as discussões sobre os conceitos de território e fronteira, passando pela contextualização histórica e cultural das cidades pesquisadas. O capítulo 3 foi dedicado aos comentários sobre a importância da notícia local com recortes teóricos e depoimentos de profissionais sobre a prática do jornalismo na fronteira. Por fim, surgem os capítulos 4 e 5, com as apresentações da metodologia adotada e dos resultados obtidos com a mesma, respectivamente.

Nas considerações finais, uma análise frente às hipóteses iniciais, bem como aos aspectos retirados das observações e investigações do espaço (fronteira Brasil-Bolívia) e ao objeto pesquisado (jornais impressos locais). Além disso, esboçamos a apresentação de uma proposta de produção baseada numa prática jornalística que poderá suprir necessidades imediatas do povo fronteiriço, graças ao viés que a leitura da Análise do Conteúdo deixou revelar durante nossos trabalhos.

2 DELIMITAÇÃO DA REGIÃO

2.1 Ter território (ou fazê-lo)?

Para que nos direcionássemos na pesquisa sobre os veículos de comunicação locais, com enfoque nos jornais impressos, foi preciso, primeiramente, delimitar e compreender a região na qual concentramos nossa investigação. Tão necessário quanto conhecer o modo de fazer e de divulgar notícias, foi descobrir, em essência, esse *locus* que traz em sua natureza o hibridismo, relações intensas de conflitos e integrações, uma alteridade constante, chamada de fronteira.

Mostrou-se necessário adquirir outros conceitos inerentes ao termo fronteira, sobretudo os que versam sobre território, afinal não estaremos tratando apenas de espaços demarcados geográfica ou politicamente, mas de toda sorte de relações que existem a partir da convivência de povos que dividem e se entrecruzam numa mesma junção urbana.

A primeira distinção surgiu através da leitura de Raffestin (1993) que desfaz o uso sinonímico entre as palavras espaço e território. Conforme o autor, “o espaço é anterior ao território” (p.143), que por sua vez, “é uma produção através do espaço” (p.144). Assim, podemos afirmar que todo território tem em sua essência o espaço, já todo espaço não obrigatoriamente constitui um território.

Quando Raffestin cita a palavra produção, nos traz a idéia de ação e nela se assenta outro conceito: o da territorialidade. Vale destacar que tanto o homem como os animais são capazes de interagir com o espaço, produzir movimento, ações que garantam a sobrevivência, o controle do lugar, entretanto nos desligaremos da interpretação das Ciências Naturais, pois nosso foco são as ações humanas.

Para compreender melhor a idéia de territorialidade marcada pelo homem recorreremos a Dematteis (1985 *apud* SAQUET 2007 p. 81) que afirma: “Não há território sem uma trama de relações sociais; o território é um lugar substantivado por essas relações ou territorialidades e é constituído histórica e geograficamente”.

Podemos elaborar então, uma analogia entre os pensamentos dos autores citados acima e a prática artística da pintura: o espaço comporia uma espécie de tela na qual as relações humanas (territorialidades) são pintadas, resultando assim na obra de arte, denominada ‘território’. A diferença entre a tela do artista e o território da convivência fronteira é que o último é profundamente dinâmico e não contemplativo. Nele, as relações estão sendo reafirmadas ou reinventadas a todo instante. A ação dos atores locais

é tão importante que, segundo Haesbaert (2005), dependendo da forma como são executadas podem conferir sentidos distintos ao produto território. Ele fala em “combinações de formas como os atores agem” e insere assim o que classifica como caráter funcional e caráter simbólico, justificando que “exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar ‘funções’ quanto para produzir ‘significados’” (p.6776).

A partir desse pensamento, a funcionalidade seria entendida como recurso, ou seja, aquilo que o espaço pode proporcionar, sinônimo, entre outros, de proteção, abrigo ou ainda fonte de recursos naturais, figurando traços concretos. Já o caráter simbólico, trata de uma perspectiva mais subjetiva, “carregado das marcas do vivido, do valor do uso” (*ibid* p.6775). Entretanto, essas maneiras do homem interagir com o espaço não se realizam isoladamente ou em momentos distintos. De acordo com este mesmo autor, a mistura de intensidade dessas características cria nuances de territórios, ou o que ele chama em seus escritos sobre a desterritorialização e multiterritorialização, de “grandes fins ou objetivos da territorialização acumulados e distintamente valorizados ao longo do tempo”. Contudo, não iremos nos aprofundar em cada objetivo apresentado pelo autor, mas apresentar ainda a diferenciação que ele expõe sobre os termos “apropriação” e “dominação” que consideramos fundamentais para buscar responder o questionamento apresentado nesse subtítulo.

Em linhas gerais, a dominação está profundamente ligada ao concreto, ao caráter funcional do território, em sentido de posse, propriedade, enquanto que a apropriação só se manifesta através do uso e por isso agrega o subjetivo, o simbólico. Assim, tão importante quanto delimitar e usufruir das possibilidades do espaço, está a forma como o homem o reinterpreta em seu imaginário através de atividades cotidianas.

Essas maneiras de usufruir e compreender o espaço são configuradas como poder, aliás, “Território, em qualquer acepção, tem a ver com o poder” (*ibid* p.6774). Frisamos aqui que a semântica da palavra não é a comumente referenciada ao poder político. Adjetiva-se o substantivo ‘poder’ tanto pela concretude da dominação quanto pela subjetividade da apropriação.

Então, em qual ordem viriam os verbos da questão exposta no subtítulo? Ter ou fazer um território? Como não é possível conceber um território sem ações (relações sociais) e esse movimento acaba gerando a formação de um modo ideal do espaço, diríamos que esses momentos estão basicamente sincronizados, entropostados, diríamos

indissociáveis. Ao dominar, saber das potencialidades e recursos do espaço, o homem acaba se apropriando desses elementos, a medida do uso, do fazer diário.

(...) o homem consome, não somente aqueles elementos que satisfaçam suas necessidades básicas e que permitam a ele continuar existindo enquanto um ser animal. Nessa relação, ele consome, igualmente, qualquer tipo de artefato que lhe possibilite a produção de bens materiais necessários para sua existência enquanto ser social (NETO, 2009, p.46)

Por isso na fronteira, o sentido de território é ainda entendido conforme a variação de intensidade entre relacionamentos de seus habitantes. Se ligada fortemente ao caráter funcional, é possível despertar nas populações a sensação de pertencimento a traços, sobretudo, culturais do outro. Procurar constantemente por serviços, produtos e nessas investidas consumir mais do que a busca inicial, ajuda a moldar um sentimento, uma identidade fronteiriça. A tentativa de falar e ler o idioma diferente, o consumo de algum produto alimentício local, o conhecimento sobre o traçado urbano (ruas, praças, escolas, instituições públicas) implicam em novas formas de compreender o espaço, vão moldando territorialidades e criando um sentimento híbrido por natureza. Parece-nos que a fronteira vive intermitentemente entre estados de reconhecimento e estranheza. O brasileiro mantém valores e atitudes que reforçam sua nacionalidade, bem como o boliviano, mas em dados momentos, ambos se assimilam sejam por laços matrimoniais, comerciais, ou pelo simples fato de estarem inseridos num espaço em que se faz necessária a convivência com o outro.

2.2 Fronteira/Frontera

Não são poucas as definições sobre o termo fronteira, na verdade, ele carrega um caráter polissêmico, dialogando em várias temáticas como a cultural, geográfica, política, econômica e demais. Se analisado por um ponto de vista superficial, o termo fronteira terá significado de limite, traçado por uma faixa que marca o Estado-nação como bem descreve o mini-dicionário Aurélio (2008) que traz para a palavra as seguintes acepções: 1. Extremidade de um país ou região do lado onde confina com o outro, limite, raia. 2. Região adjacente a essa extremidade.

Etimologicamente, a palavra carrega heranças latinas recordando “aquilo que está à frente”, o *front*. Segundo Lia Osorio Machado

Para uma parte da literatura consultada é no período entre os séculos XIII e XV que surge a palavra fronteira na maioria das línguas europeias, derivada do latim ‘front’. Não foi originalmente aplicada a uma linha e sim a uma área. Na Europa medieval, a zona/região de fronteira era uma área, ou seja, possuía largura (e não só extensão, como é o caso do limite), de modo a cumprir o objetivo de separação e não de contacto. (s.d s.pg.)

É o que Raffestin (1993) chama de fronteira zonal e classifica-a como um momento em que as informações sobre os limites eram vagas ou insuficientes.

Foi o avanço da cartografia que deu o aspecto visível e linear de fronteira. “A linearização da fronteira é uma tendência do Estado moderno, que não foi desmentida desde o século XV, para culminar, no século XX, nas linhas ‘rígidas’ (...)” (p.167). Surge aqui o que o autor batiza de “fascínio da linha”.

O Tratado de Westfalia formulado em 1648, na Alemanha, estipulou a demarcação dos limites (linhas divisórias) dos Estados-nação, entendendo essa organização como uma porção territorial com jurisdição única. Foi o que podemos chamar de obra magna da ciência cartográfica.

A cartografia moderna apareceu na Renascença. Seguiu portanto o nascimento do Estado moderno. Muito rápido se tornou um instrumento de poder e do “Poder”. Essa cartografia privilegiou uma “sintaxe” euclidiana (...) muito eficaz, pois mobiliza três elementos fundamentais: a superfície ou o plano, a linha ou a reta e o ponto ou momento do plano. É da combinação desses elementos que resultam as imagens ou representações do espaço (RAFFESTIN, p.145)

Somente após o final da Primeira Guerra Mundial é que a idéia de linha de fronteira cedeu lugar novamente para região de fronteira, resgatando a proposta medieval que inclui não somente a extensão, mas também a largura.

Os traços lineares divisórios continuam nos mapas, bem como na tentativa separatista e, diríamos até, desesperada de alguns governos em lançar mão de barreiras físicas impostas como os muros, impedindo aquilo que é uma forte característica das fronteiras. As “bordas geográficas” podem ser compreendidas como o início ou o final de um território nacional e por elas circulam num fluxo muito mais intenso de regiões interiores pessoas, mercadorias e hábitos distintos. Ao barrar esse movimento humano, por consequência, estanca-se a propagação de informação e de ideologias que nem sempre agradam ao governo em questão.

Em tempos atuais, a atitude é altamente questionável, se levarmos em conta as variadas fontes informacionais que podemos acessar ao redor do mundo com a internet. A partir daí, e tomando como base a experiência do bloco da Comunidade Européia, será que no mundo contemporâneo as fronteiras tendem a desaparecer?

Depois de amplamente utilizada, a palavra globalização e seu ideal mais romântico de rompimento de limites internacionais, surge dentro de uma relação paradoxal. Quanto mais negamos a fronteira, mais a reforçamos.

Fala-se também de uma humanidade desterritorializada, uma de suas características como sendo o desfalecimento das fronteiras como imperativo da globalização, e a essa idéia dever-se-ia uma outra: a da existência, já agora de uma cidadania universal. De fato, as fronteiras mudaram de significação, mas nunca estiveram tão vivas, na medida em que o próprio exercício das atividades globalizadas não prescinde de uma ação governamental capaz de torná-las efetivas dentro de um território. A humanidade desterritorializada é apenas um mito” (SANTOS, 2000. p. 42)

Camponez (2002), ao analisar as questões do jornalismo de proximidade nas publicações locais do distrito português de Leiria, colabora com essa posição ao esclarecer, em sua análise, que a “nova ordem mundial” põe em crise não o território, mas o modelo vestefaliano que, segundo o autor, está longe de acabar.

“A denominada nova ordem mundial parece não ser tanto a imposição de um modelo homogêneo, mas antes a emergência de uma nova ordem multiespacial. E, no seu interior, há espaço também para os novos lugares gerados pela crise do território vestefaliano. Essa multiespacialidade é, talvez, o que melhor define a crise da desterritorialização do Estado (...)” (p.37).

2.3 Interação fronteira: necessidade de legitimação

A legislação brasileira adota o conceito de região (largura e comprimento) quando regulamenta na lei nº 6.634/1979 o que chama de faixa de fronteira: uma extensão interna de 150 km de largura, paralela à linha divisória terrestre do território nacional. O texto legal considera-a como área indispensável à Segurança Nacional.

Entretanto, para efeitos práticos essas regiões acabam por agregar, em diferentes níveis, formas de interação, indo de encontro ao discurso divisionista da legislação. Afinal, basta uma breve observação para percebermos que elas estão distante dos grandes centros do poder de cada país, tendo que, para suprir certas necessidades, se alinharem com os

mais próximos, nesse caso, os do outro lado. Um exemplo bem visível está no enfraquecimento de algumas estruturas advindas desta distância como, por exemplo, a malha viária para o escoamento e chegada de produtos. Ainda é recente a construção de trechos do Corredor Biocênico¹, um projeto que tem previsão pra ser completo até 2012 e suprir a necessidade de ligação rodoviária entre o Brasil, Bolívia e Chile, unindo os portos de Santos (BR) e Iquique (CH).

Ao levarmos em consideração que Corumbá se distancia mais de 400 quilômetros da capital do estado de Mato Grosso do Sul, e por sua vez, a cidade de Puerto Quijarro, está a mais de 600 quilômetros longe da capital do departamento boliviano de Santa Cruz, é possível afirmar que esse “interior periférico” acaba por organizar mecanismos mais ágeis para atender necessidades imediatas e fortalecer potencialidades comuns.

Para exemplificar, citamos ações conjuntas das cidades de Corumbá, Puerto Quijarro e Puerto Suárez no combate a doenças como a dengue e à raiva canina. Casos positivos de raiva na Bolívia e em Ladário fizeram o setor de saúde corumbaense se alertar para a região próxima da fronteira. A Secretaria Municipal de Saúde de Corumbá entendeu que ações somente no lado brasileiro podiam não ser a melhor solução para o combate da doença, uma vez que essa proximidade de territórios e o fluxo intenso de pessoas entre os dois lados não impediriam prováveis novas infecções. Essa preocupação foi registrada num de nossos exemplares pesquisados do jornal Diário Corumbaense (edição 621, de 28 de outubro de 2009).

Proprietários podem agendar vacinação contra a raiva

(...) reforça a necessidade da aplicação da dose da vacina, principalmente a partir do surgimento de mais um caso de raiva em Puerto Quijarro, na Bolívia, o quarto do ano. (...) além dos quatro casos na Bolívia (três em Quijarro e um em Puerto Suárez), Ladário também registrou um caso este ano. ‘Por isso, devemos tomar todos os cuidados, inclusive com apoio às ações na Bolívia’.

¹ O Corredor Bioceânico é uma rodovia com aproximadamente 4 mil quilômetros de estradas que cruzará a Bolívia do ocidente ao oriente e se conectará com portos nos oceanos Pacífico (no Chile) e Atlântico (no Brasil). Inaugurados em fevereiro de 2009, o trecho 4 (139,2 km) liga os municípios de Roboré e El Carmen, já o trecho 5 (102 km), os municípios de El Carmen e Arroyo Concepción, na fronteira com o Brasil. A obra foi contratada pela Administradora Boliviana de Carreteras (ABC), com financiamento integral da Corporação Andina de Fomento (CAF). Este último trecho foi construído pelo consórcio formado pela empresa brasileira Odebrecht e a empresa boliviana Iasa e consolidou o elo entre a capital do departamento (Santa Cruz de la Sierra) e a fronteira com o Brasil.

Contudo há ações que dependem de um entendimento em esfera nacional. Por isso, na “Carta dos municípios da fronteira pantaneira aos presidentes Lula e Evo”, entregue nas dependências do 6º Distrito Naval, na cidade de Ladário², em 15 de janeiro de 2009, quando da oportunidade de uma visita de ambos presidentes à região para a entrega de partes do tramo rodoviário do Corredor Bioceânico na Bolívia, ficou registrada essa forma singular de relacionamento na fronteira, sobretudo a necessidade de uma nova visão que desencadeie ações, compreendendo a fronteira como uma área distinta do resto do território. O documento, assinado pelos prefeitos Ruitter Cunha de Oliveira (Corumbá-BR); José Antonio Assad e Faria (Ladário-BR); Romualdo Hurtado Rodriguez (Puerto Suarez-BO) e Aldo Clavijo Viruez (Puerto Quijarro-BO), explicita como “estratégias de atuação para os municípios da faixa de fronteiras” vários pontos dos quais destacamos:

“(…)

b) Reconhecer que o conceito de desenvolvimento local na fronteira engloba as comunidades e os seus territórios dos países vizinhos e que o desenvolvimento local na Faixa de Fronteira exige a adoção de políticas binacionais de execução integrada;

(c) Rever a postura governamental para as fronteiras como áreas de integração e não mais com base apenas na Doutrina de Segurança Nacional;

(…)”.

O texto segue, pontuando setores como educação, saúde, segurança, turismo, mas o teor esquece de evidenciar uma necessidade-chave para essa interação em busca de um desenvolvimento e harmonia conjunta: a língua. Não há na carta nenhum tópico que coloque em destaque esse aspecto que, no nosso entendimento, é fundamental para a convivência entre os povos fronteiriços. O que acontece nessa fronteira, segundo Silva (2009 in: COSTA, SILVA e OLIVEIRA, 2009) é um interesse por parte dos bolivianos em aprender a Língua Portuguesa com propósito a “melhorar a comercialização de seus produtos. (...) Por outro lado, não foi constatado o mesmo interesse por parte dos falantes brasileiros locais, alguns atribuem esse fato á facilidade de improvisar numa interlíngua, que comumente se conhece como portunhol”. (p.132)

Apesar da lei federal 11.161, de 5 de agosto de 2008, e da deliberação 8434, do Conselho Estadual de Educação de MS, publicada em Diário Oficial do dia 5 de novembro

² Ladário é uma cidade que tem seus limites dentro do território da cidade de Corumbá, no Brasil. Assim, participa diretamente de processos que envolvam o desenvolvimento da região, e por isso integra a Carta entregue aos presidentes Lula e Evo.

de 2007, o ensino de Língua Espanhola ainda não é realidade nos currículos das escolas públicas brasileiras, mesmo com a presença de alunos de origem boliviana em seus quadros discentes. Ambos textos, falam de uma implantação gradativa e fornecem um prazo até 2010, para a disciplina de Língua Espanhola, mas o que se vê é ainda a prevalência da Língua Inglesa nos currículos. E no lado boliviano, a preferência pelo ensino de uma segunda língua se concentra também nas bases da Língua Inglesa.

A própria formação de professores da Língua Espanhola deve começar a se tornar uma realidade apenas agora, em 2010, com a graduação da primeira turma do curso de Letras, habilitação Português-Espanhol, do Câmpus do Pantanal, unidade da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Corumbá.

Assim, essa é uma demanda que ainda demorará para ser atendida de forma integral. Desta forma, entendemos que os poucos profissionais que já atuam nesta área de ensino de idiomas em ambos territórios e os falantes nativos podem, neste momento inicial, ser mão-de-obra para um projeto de ensino das línguas na fronteira.

É preciso que os governos locais tracem acordos bilaterais, visando o ensino dos idiomas vizinhos em seus países, formando assim um consórcio com força a captar recursos para ações de capacitação desses profissionais não somente quanto às competências de leitura, fala, escrita e audição, mas de contextos culturais. Nesse entendimento, surgiriam materiais didáticos específico para o público da fronteira com o envolvimento de instituições de ensino como as universidades.

2.4 Ordenamento territorial e político: desfazendo equívocos das comparações

Antes de seguirmos adiante em nossa apresentação da região estudada, julgamos ser relevante expor as diferenciações sobre o ordenamento territorial e político dos países desta fronteira. Afinal, não é raro presenciarmos equívocos, alguns até mesmo, registrados nos meios de comunicação, sobre a divisão territorial e política da Bolívia.

Para tanto, buscamos conteúdos de textos legais que se referem à região estudada, desfazendo informações por vezes, errôneas, que circulam entre os fronteiriços.

A Bolívia está entre os países da América do Sul com grande extensão, tendo 1.098.581 km² de superfície, fartura de terras que contribui para fragmentações territoriais. A nação boliviana está passando por um momento de transição, de mudança da configuração política, que foi aprovada com a implantação da Nova Constituição Política de Estado, que passou a vigorar a partir de fevereiro de 2009. Para entendermos melhor

esse processo, exporemos aqui a antiga e a nova estruturas, que ainda estão sendo assimiladas pela população da fronteira.

A divisão territorial-política, que vigorava até início de 2009, trazia numa escala decrescente a seguinte configuração: *República – Departamentos – Provincias - Secciones de Provincias e Cantones*. Informalmente, agregava-se a essas divisões o que são conhecidos como *poblaciones* ou *comunidades*, pequenas populações que compartilham o mesmo espaço e desenvolvem atividades semelhantes. Essas podem ser entendidas como a parte rural dos municípios, devido sua distância das áreas centrais de cada cidade.

Agora, com a Nova Carta Magna da Bolívia, o artigo 269 define a divisão em: *Estado Plurinacional – Departamentos - Provincias - Municipios - Territorios indígena originario campesinos*.

Numa convivência cotidiana da fronteira, quando o cidadão brasileiro toma como base um simples mecanismo de comparação entre o sistema aplicado na Bolívia e o de seu país de origem, acaba gerando confusão. Enquanto no Brasil, conforme o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a ordem política territorial segue basicamente o modelo: República - Estados – Municípios - Distritos; na Bolívia, observa-se um estágio intermediário entre os departamentos (que equivalem aos estados brasileiros) e os municípios, surgindo então, as *provincias*.

Outro fator que contribuía³ para aumentar essa confusão está associado à língua (Espanhol e Português), na ocorrência que é conhecida como falso cognato: palavras aparentemente semelhantes, porém diferentes no significado. Se no Brasil, o prefeito é o dirigente executivo de cada município; na Bolívia, o *prefecto* era o comandante geral do departamento, ou seja, correspondia ao governador do lado brasileiro, estando sob comando deles, os *sub-prefectos*, que, por sua vez, respondiam pelas *provincias*.

O primeiro artigo do novo texto que rege a nação boliviana reafirma o caráter plural que domina seus territórios. De uma República, a Bolívia se define, agora, como:

“(...) un Estado Unitario Social de Derecho Plurinacional Comunitario, libre, independiente, soberano, democrático, intercultural, descentralizado y con autonomías. Bolivia se funda en la pluralidad y el pluralismo político, económico, jurídico, cultural y lingüístico, dentro del proceso integrador del país”

³ Usamos aqui, o verbo no tempo pretérito, pois atualmente se segue uma nova denominação para esses cargos políticos, conforme a Nova Constituição, mas que ainda não foi assimilada integralmente pelos brasileiros.

Com a aprovação das autonomias⁴ departamentais através de referendos – primeiro, em 2006, em Pando, Beni, Santa Cruz e Tarija; e depois, em 2009, em La Paz, Oruro, Potosí, Chuquisaca e Cochabamba – os novos dirigentes executivos dos departamentos, passaram a ser chamados de *governador*, tendo nas províncias, as *Sub-governadorias*, com seus representantes diretos, *sub-governadores*.

Na estrutura municipal boliviana, não houve grandes alterações e permanecem as figuras dos *alcaldes*, cuja equivalência nos leva, em termos de função, aos prefeitos brasileiros. Acima deles, há o *Consejo Municipal*, que em analogia ao praticado no Brasil, aproxima-nos da Câmara de Vereadores. Para obter o cargo de *alcalde* ou *consejero municipal*, é preciso que a candidatura do cidadão se submeta a uma votação popular que confere ao mais votado o direito de desenvolver atividades políticas durante um prazo de 5 anos.

Aliás, no dia 04 de abril de 2010, ocorreu em todo território boliviano, eleições para a escolha de representantes municipais e departamentais de governo. Um pleito que marcou a nova fase do país. Os eleitos em cada jurisdição serão os primeiros escolhidos democraticamente dentro dessa nova estrutura.

Para detalhar melhor do ponto de vista territorial essas divisões, recorreremos ao Decreto Supremo nº 2652, de 21 de fevereiro de 2002, que regulamenta a lei nº 2150, datada de 20 de novembro de 2000, cujo teor versa sobre as unidades político-administrativas bolivianas. No texto legal, fica explícito a obrigatoriedade de uma base demográfica comprovada pelo INE (Instituto Nacional de Estadística) como referência para a solicitação de criação de novas unidades político-territoriais. Para seções municipais (municípios) são exigidos mais de 10 mil habitantes e para cantones mais de 1 mil moradores. Esses números só são reduzidos em caso das localidades estarem em áreas de fronteira internacional, como é o caso da seção municipal de Puerto Quijarro.

4 As autonomias aproximam o Estado do cidadão para decidirem a melhor maneira de determinar suas demandas e necessidades, e responder pelas mesmas em políticas e serviços públicos. Segundo Urenda (1987), apud Guzmán (---), a autonomia departamental: “Es el derecho y la capacidad efectiva del gobierno en sus tres niveles, de normar, regular y administrar los asuntos políticos de su competencia. Se sustenta en afianzar en las poblaciones e instituciones la responsabilidad y el derecho de promover y gestionar el desarrollo de sus circunscripciones, en el marco de la unidad del estado. La autonomía se sujeta a la constitución y a las leyes de desarrollo constitucional respectivas (...) La característica principal de éste modelo es la descentralización política que consiste en reconocer a las regiones la potestad de darse sus propias normas, limitadas por la normatividad Constitucional”.

Tabela 1 - Divisão territorial e política do Brasil e da Bolívia.

BOLÍVIA (antiga Constituição)				
REPUBLICA	DEPARTAMENTO	PROVINCIA	SECCIONES DE PROVINCIAS	CANTONES
<i>Presidente</i>	<i>Prefecto</i>	<i>Sub-prefecto</i>	<i>Alcalde e Concejo Municipal</i>	<i>Corrigedores e Agentes municipales</i>
XXXX	500.000 habitantes	+ de 30 mil habitantes	em fronteira + de 5 mil habitantes	em fronteira + de 500 habitantes
BOLÍVIA (nova Constituição)				
ESTADO PLURINACIONAL	DEPARTAMENTO	PROVINCIA	MUNICIPIOS	TERRITORIOS INDÍGENA ORIGINARIO CAMPESINOS
<i>Presidente</i>	<i>Governador e Asamblea Departamental</i>	<i>Sub-governador</i>	<i>Alcalde e Concejo Municipal</i>	Artículos 289 e 290 ⁵
BRASIL				
REPÚBLICA	ESTADO	NÃO HÁ	MUNICÍPIO	DISTRITO
Presidente	Governador	Não há	Prefeito Vereadores	Autoridade distrital ⁶

2.5 As cidades estudadas: semi-conurbação

Com proporções territoriais de continente, o Brasil configura-se como um verdadeiro país de fronteiras, já que dentro da América do Sul, porção no mapa a qual pertence, ele não encontra seus limites apenas com dois países (Chile e Equador). Nesse aglomerado de fronteiras, a mais extensa é a que se refere à Bolívia, somando 3.423

⁵ “Artículo 289

La autonomía indígena originaria campesina consiste en el autogobierno como ejercicio de la libre determinación de las naciones y los pueblos indígena originario campesinos, cuya población comparte territorio, cultura, historia, lenguas, y organización o instituciones jurídicas, políticas, sociales y económicas propias.

Artículo 290.

I. La conformación de la autonomía indígena originario campesina se basa en los territorios ancestrales, actualmente habitados por esos pueblos y naciones, y en la voluntad de su población, expresada en consulta, de acuerdo a la Constitución y la ley.

II. El autogobierno de las autonomías indígenas originario campesinas se ejercerá de acuerdo a sus normas, instituciones, autoridades y procedimientos, conforme a sus atribuciones y competencias, en armonía con la Constitución y la ley.”

⁶ Cada distrito municipal é definido pela Lei Orgânica do Município, que define o tipo de autoridade, geralmente indicada pelo prefeito. O caso do Distrito Federal é diferente, pois traz um hibridismo, tendo “a mesma estrutura político-administrativa dos Estados, com Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário próprios. É regido por Lei Orgânica em vez de Constituição Estadual. A diferença ocorre quando se trata de municípios, pois no Distrito Federal há somente regiões administrativas, com administradores nomeados pelo Governador, não existindo os cargos de prefeitos e vereadores. O Poder Executivo é exercido pelo governador, auxiliado pelos secretários e o Poder Legislativo é exercido pelos 24 deputados distritais, que compõem a Câmara Legislativa do Distrito Federal”. Disponível em: www.dicasdebrasil.com.br, acessado em 04 de maio de 2009.

quilômetros, número este contabilizado em quatro estados brasileiros: Acre, Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Por essa característica, reforçamos aqui a necessidade de delimitarmos essa região, restringindo nossa pesquisa à cidade de Corumbá, na porção brasileira, e às cidades bolivianas de Puerto Quijarro e Puerto Suárez. Preferimos estender os estudos até Puerto Suárez devido sua importância histórica e econômica dentro da província boliviana de Germán Busch, características que descreveremos logo mais no corpo do texto.

Juntas, estas cidades produzem, segundo Oliveira (2009), a mais importante ligação entre os dois países em questão, resultando num espaço contínuo repleto de relações que a fortalecem. “São cinco⁷ localidades, que formam uma juntura semi-conurbada, de grande articulação sócio-econômico-cultural. É um território de configuração estratégica, por ser o principal ponto de contato entre o Brasil e a Bolívia.” (p.33).

Diferente de outras fronteiras, Corumbá e Puerto Quijarro não estão ligadas de forma contígua. Existem cerca de 7 quilômetros separando-as num trajeto rodoviário em que se destaca paralelamente à via, o Canal do Tamengo (*Cf.* figura 1). Apesar dessa distância, afirma ele, a região possui grande interação.

A discreta extensão da Ponte da Amizade que transpõe um córrego, hoje, degradado, deixa passar despercebido, por muitos que cortam a região, o limite entre Corumbá e Puerto Quijarro. A marca natural se esconde em meio ao mato e à má conservação ambiental.

Mas, o idioma e os símbolos nacionais, como as bandeiras de ambos os países instaladas no alto de um arco, são o que sinalizam o marco divisório entre os países. Além disso, a presença de organismos fiscalizatórios como o posto aduaneiro Esdras, no lado brasileiro, e o *Setor de Migración e Policia Fronteriza Nacional*, no lado boliviano, reforçam a passagem, o cruzamento entre os limites internacionais.

⁷ O autor cita 5 localidades por considerar ainda o município de Ladário, formado dentro dos território de Corumbá, no lado brasileiro; e o *cantón* (distrito) de Arroyo Concepcion, primeiro povoado ao avançar o marco de fronteira, na Bolívia. O distrito boliviano, diferentemente de Ladário que é uma cidade instituída legalmente no Brasil, pertence ao município de Puerto Quijarro, apesar de haver movimentações populares para elevar a localidade ao status de município.

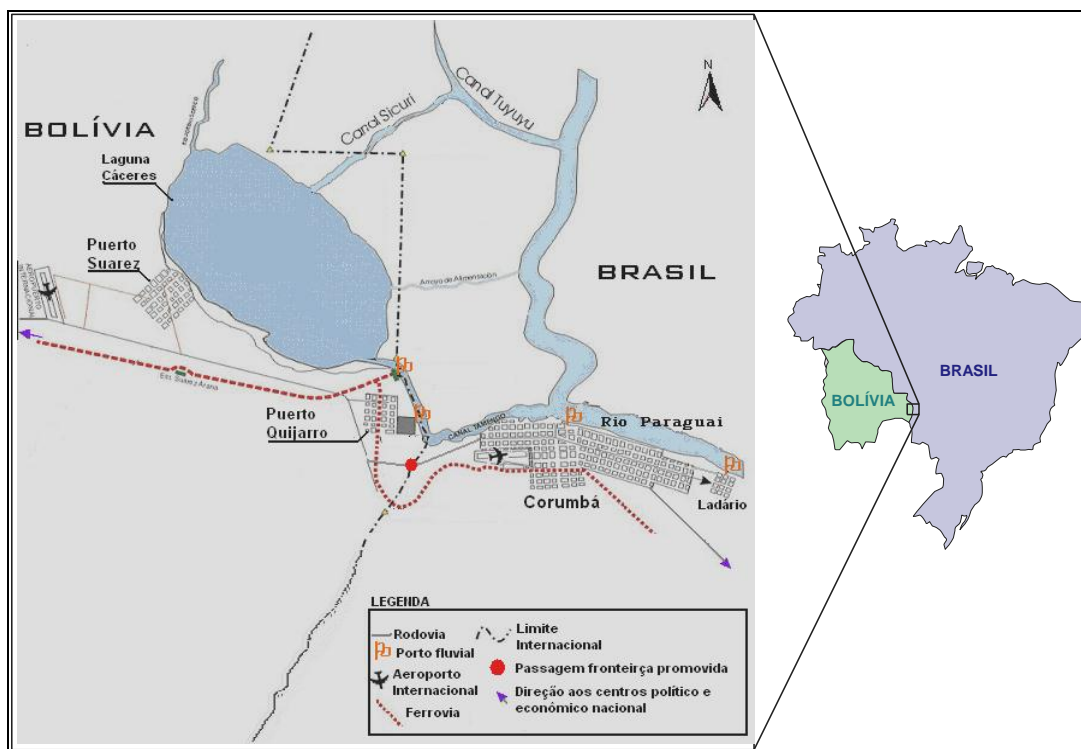


Figura 1 – Localização da semi-conurbação (Corumbá-Ladário-Puerto Quijarro-Puerto Suarez).
Fonte: (Oliveira, 2009).

Oliveira (2009) elenca uma série de situações que vão desde o âmbito político, passando pelo econômico e cultural, para a classificação da fronteira existente na conurbação em questão. Segundo o autor, o que vem se assistindo em tempos mais recentes na região é uma forte relação de aproximação, tendo no ordenamento espacial sua prova mais explícita. De uma configuração “monolítica” e “que obedecia a concepção militar de um adensamento distante da linha limítrofe”, Corumbá vem expandindo para as regiões mais perto dos limites internacionais.

(...) a cidade que se estendia até o Cemitério Santa Cruz e à Cidade Dom Bosco, foi abrigando um adensamento espremido entre a pista do aeroporto e o canal do Tamengo; a própria administração municipal, antes no centro, mudou-se para um prédio construído já sob outras perspectivas (p.38)

O mesmo movimento de “atração” desenvolveu-se no lado boliviano com o fortalecimento do *cantón* de Arroyo Concepción forjado dentro de uma forte característica comercial. Toda uma estrutura, ainda que não ideal, com simples barracas numa rua de terra batida, foi montada, visando atender tanto à população corumbaense como aos

turistas que vislumbram a oferta de um preço mais baixo do praticado em terras brasileiras para mercadorias importadas, sobretudo roupas e produtos eletrônicos.

Por essas e demais formas de relacionamento, Oliveira (2009) classifica a fronteira Corumbá/Puerto Quijarro como uma Fronteira Vibrante. O autor em seus estudos elaborou um sistema em que é possível identificar quatro tipos de fronteira⁸, conforme os níveis de integração (Cf. figura 2). A Fronteira Vibrante agrega, ao mesmo tempo, integração formal e funcional em alta escala. Ou seja, desde as relações informais, como por exemplo, procurar certo tipo de prestação de serviço em terreno estrangeiro até toda a legalidade exigida entre acordos binacionais.

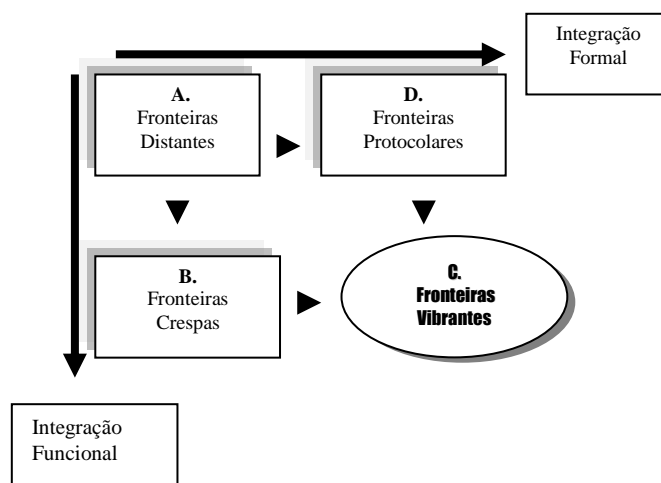


Figura 2 - Esquema de classificação de fronteiras.
Fonte: Oliveira (2008)

As relações de ordem funcional na fronteira estudada se comprovam de fato intensas, sobretudo na área comercial, quando, como forma usual de protestos, os cidadãos bolivianos recorrem à prática de “fechar a fronteira”. Geralmente, a entrada é bloqueada com veículos, pedaços de pau e pedra, impedindo o fluxo de automóveis, ato que dura, na maioria das vezes, 24 horas, entretanto a passagem fica livre para os pedestres. Em casos mais críticos, esses bloqueios duram dias e podem se estender até aos pedestres, impedindo, assim, a prática comercial em todo seu vigor, desde as vendas nas barracas da

⁸ De acordo com a aproximação e o afastamento das formas de interação (formal/funcional), surgem os tipos de fronteira para Oliveira. Quando os níveis de formalidade e funcionalidade estão baixos, tem-se a fronteira distante; quando a funcionalidade alta e a formalidade baixa, surgem as fronteiras crespas; quando o caráter formal prevalece sobre o funcional, formam-se as fronteiras protocolares. Por sua vez, a fronteira vibrante, agrega altos níveis de formalidade e funcionalidade.

“Feirinha”⁹ em Arroyo Concepción até a entrada e saída de caminhões que transportam os mais variados produtos de importação entre os países. As lideranças locais desses movimentos justificam a interdição da passagem pela fronteira como forma de chamar a atenção de autoridades de todas as esferas, principalmente as nacionais, para problemas enfrentados na localidade que ainda sofre com a falta de serviços básicos como o não fornecimento constante de água potável, bem como a baixa oferta de empregos na região.

Apesar da teoria desenvolvida por Oliveira (2009), parece-nos que a terminologia vibrante não se encaixa perfeitamente se observarmos essa região através de outros pontos de vista, além do comercial. Se transpusermos seu modelo de classificação de fronteiras para aspectos de identidade, depararíamos com uma fronteira ainda distante, ou seja, aquela que está longe dos aspectos de caráter funcional e formal.

Bem diferente do que acontece com as fronteiras da região sul do Brasil em que o personagem do ser fronteiriço é formado e cultuado há centenas de anos, entre Corumbá e Puerto Quijarro/Puerto Suárez essa construção não aconteceu.

Manuel Castells (2000) no livro intitulado “O Poder da Identidade” atrela a formação identitária a um processo de mobilização social.

As pessoas precisam participar de movimentos urbanos (não necessariamente revolucionários), pelos quais são revelados e defendidos interesses em comum, e a vida é, de algum modo, compartilhada, e um novo significado pode ser produzido. (p.79)

É na não formação de uma identidade fronteiriça que nos parece que a distância de 7 quilômetros entre as cidades se multiplica intensamente entre esses moradores. Já que o comum, o que nos torna iguais é ignorado para a prevalência de uma idéia entre “nós” e “eles” que é reforçada diariamente, destacando as diferenças e estereótipos. E não muito distante, em 2008, inclusive com manifestações hostis como pichações em muros e locais públicos da cidade, estimulando a separação entre os povos locais. Muitas delas foram apagadas, mas outras permaneceram em alguns prédios da avenida General Rondon, ponto turístico da cidade. Numa das frases mais contundentes, foi a que clama por uma barreira física entre os territórios. Diz o texto da figura nº 3: “Muro na fronteira”.

⁹ A Feirinha ou Shopping Chão é a forma popular como ficou conhecido o local de comércio de produtos importados no *cantón* de Arroyo Concepción.



Figura 3 – Pichações hostis contra a Bolívia e cidadãos bolivianos em prédios na avenida General Rondon, Corumbá (2009). Fotos: Livia Gaertner

Se geograficamente dividimos as mesmas características como a formação de um solo calcário, a presença de grandes reservas de minério e do Pantanal, em termos de identidade o corumbaense parece se agarrar muito mais à figura do pantaneiro que a fronteiriço. Na década de 90, por exemplo, uma campanha publicitária cujo slogan era “Pantaneiro Mesmo”, deflagrada por uma agência de turismo, despertou o orgulho e a sensação de pertencimento a esse território de grandes riquezas naturais e, até hoje, não é raro ouvirmos a frase ser repetida com orgulho por muitos corumbaenses.

Até mesmo no conteúdo do Plano Diretor Participativo de Corumbá, instrumento norteador do desenvolvimento nas diversas áreas do município, no que tange ao Turismo e à Cultura, o teor demonstra deixar escapar essa vivência fronteiriça. Diz o texto entre as várias propostas registradas para o setor. “Resgatar e valorizar a cultura pantaneira, reforçando o vínculo do habitante com a história e a cultura do município;”. (CORUMBÁ, 2006)

Raramente se presencia algum movimento urbano em que se defenda interesses compartilhados. Eles existem isoladamente, levando ainda em consideração bandeiras distintas. O avanço é barrado pelos limites da linha divisória. Raras exceções são os movimentos religiosos em que em nome da fé, da solidariedade cristã, sobretudo a Igreja Católica, insere e apresenta os *hermanos* como parte de uma vivência de fronteira. Num dos eventos de grande amplitude no Brasil, a Campanha da Fraternidade, durante a caminhada que marca a abertura das atividades, é comum perceber a presença de comunidades religiosas da Bolívia presentes.

Porém, esse exercício social de compartilhar e reinterpretar o espaço parece, agora, estar ganhando impulso, seja pela grande quantidade de cidadãos bolivianos residentes,

legal ou ilegalmente, em Corumbá como pelo despertar das autoridades locais para a questão fronteiriça. O que avaliamos como muito benéfica, já que parte de um auto-reconhecimento para então atingir outras instâncias, como solicita a Carta dos municípios da fronteira pantaneira aos presidentes Lula e Evo.

“O Governo Central e os Governos Regionais, via de regra, precisam visualizar e direcionar um tratamento diferenciado aos municípios fronteiriços que contemple o diálogo regional, visando adotar medidas conjuntas dos países e das províncias que possam resolver os problemas vividos nas cidades fronteiriças e para a solução de problemas aos quais os governos locais não têm competência legal e recursos específicos para tal enfrentamento e que emperram sobremaneira os fluxos, o comércio, a prestação de serviços públicos, o controle ambiental e sanitário e a segurança pública nas fronteiras e que efetivamente demandam a adoção de estratégias comuns e específicas dos dois países para o planejamento das áreas de fronteira, enfaticamente para as conurbações como o é nessa região”. (Trecho da Carta entregue pelos prefeitos Rüter Cunha de Oliveira-Corumbá, José Antônio Assad-Ladário, Romualdo Hurtado Rodriguez-Puerto Suárez e Aldo Clavijo Viruez-Puerto Quijarro ao presidentes Lula-Brasil e Evo Morales-Bolívia, em 15 de janeiro de 2009)

Toda essa variedade de relações que se manifesta na fronteira acaba por configurá-la como um território único, à parte de outras posturas que se replicam nas demais áreas dos mapas dos países em questão.

2.5.1 Corumbá

Dentro do território sul-mato-grossense, o município de Corumbá possui um total de 62.561 km², equivalente a 18% do estado e cerca de 37% do Pantanal, recebendo por isso o título de Capital do Pantanal. Também é conhecido por Cidade Branca, numa referência à cor do seu solo composto por formações calcárias. Nos morros que recortam a cidade, se sobressai o de Urucum, com grande reserva de minério de ferro.

Considerada uma das mais antigas cidades de Mato Grosso do Sul, a gênese de Corumbá está intimamente ligada ao conceito de fronteira como marca, espaço de separação e não de contato. Machado e Steiman (s.d s.p) explicam que, na Europa Medieval, *marks*, ou *marches* (francês) ou *marcas* (espanhol) eram “territórios especiais, usualmente objetos de colonização com o objetivo de proteger as fronteiras do Império”. Registra-se lembrar que Corumbá foi fundada em 21 de setembro de 1778, mas a estratégia

militar da Coroa Portuguesa para impedir o avanço dos espanhóis que estavam em busca de ouro foi fato que precedeu a emancipação do município com a instalação do Forte Coimbra em 13 de setembro de 1775, a 210 quilômetros da atual Corumbá.

Esselin (2000) conta-nos que a construção do Forte Coimbra foi executada em local errado, 44 léguas acima do ponto recomendado à margem direita do Rio Paraguai. Tal situação fez com que o forte não cumprisse bem seu papel. Além disso, aquela região permanecia constantemente alagada, não propiciando o cultivo da agricultura e nem de animais. Assim, o sertanista João Lemes do Prado foi enviado pelo Governador em 1776 para buscar novos locais para a criação de fundações.

Em 21 de setembro de 1778, Marcelino Roiz Camponês fundou novo povoado também com o nome de Albuquerque, distante oito léguas do primeiro¹⁰, para ser sede de um distrito militar e pólo de colonização, o que expressava a preocupação dos portugueses em ocupar posições de alto valor estratégico às margens do rio Paraguai como meio de garantir a exclusividade de navegação desse rio. (p.143)

Foi esse povoado que deu origem ao município de Corumbá, cidade que serviu como palco, ao longo de sua existência centenária, para importantes episódios da história. Um dos mais marcantes e que está ligado à questão de domínio territorial aconteceu durante a Guerra da Tríplice Aliança, também chamada de Guerra do Paraguai. Comandada por Francisco Solano Lopes, as tropas paraguaias instalaram-se em Corumbá em 1865, praticando atos de violência contra os poucos moradores ali residentes. Somente em 13 de junho de 1877, foi que o comandante Antônio Maria Coelho conseguiu expulsar as tropas paraguaias, protagonizando a retomada da localidade onde, hoje, é a Praça da República. Após esse marco é que Corumbá abriu seus portos ao comércio internacional, atividade que ajudou não somente no desenvolvimento econômico, como na povoação miscigenada da fronteira oeste. Imigrantes europeus e de outros países sul-americanos estabeleceram-se na cidade, impulsionando o desenvolvimento de Corumbá, que se tornou então o terceiro maior porto fluvial da América Latina com intenso movimento de embarcações estrangeiras. Um longo período de apogeu econômico, até 1930, envolveu a cidade devido à movimentação comercial fluvial

¹⁰ A primeira localidade a qual o texto faz referência é o que, hoje, configura o distrito corumbaense de Albuquerque. O povoado, que deu origem ao município de Corumbá, foi fundado logo depois, também com o nome de Albuquerque, em homenagem ao capitão-general Luis de Albuquerque, para quem Leme do Prado colhia as informações da região. Assim, para não provocar interpretações errôneas sobre as duas localidades homônimas, Albuquerque, fundada inicialmente, começou a ser chamada de Albuquerque Velho.

Seguindo a linha histórica, chegamos ao ano de 1950 quando instala-se a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), hoje, denominada Novoeste após privatização. O transporte fluvial foi, aos poucos perdendo a intensidade. Houve a ruptura de Corumbá com a Bacia do Prata, especialmente Buenos Aires e Montevideo. Era a vez dos trilhos do trem desenharem novas formas de relacionamento, voltando os olhos da sociedade fronteiriça de Corumbá não mais para as bandeiras de diferentes nacionalidades que atracavam no Porto Geral, mas para um cerrado, um Brasil que, até então, parecia inalcançado. Saímos do centro de relações internacionais para nos tornarmos um ponto extremo no eixo nacional, apesar da integração via malha férrea.

Ao longo do Século XX, novas alternativas de desenvolvimento econômico foram surgindo, tais como a pecuária, o turismo e a exploração mineral. Durante a Segunda Guerra Mundial foi iniciada a atividade industrial da cidade, com a exploração das reservas de calcário que favoreciam a instalação das indústrias de cimento.

Em 1979 ocorreu a divisão do Estado de Mato Grosso e Campo Grande passou a ser a capital de Mato Grosso do Sul. Nessa época, a pecuária já havia sido consolidada como a principal alternativa de desenvolvimento econômico regional.

O município de Corumbá atingiu a condição de cidade mais dinâmica do Estado, e ocupou a 86ª posição dentre as 300 mais dinâmicas de todo o País, conforme o Atlas do Mercado Brasileiro 2008, divulgado em junho pela Gazeta Mercantil. Em 2009, ficou com a quarta colocação entre as cidades sul-mato-grossense no PIB (Produto Interno Bruto), atrás de Campo Grande, Três Lagoas e Dourados.

Na última estimativa populacional, divulgada na primeira quinzena de agosto de 2009, pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Estatística), Corumbá possuía 99.467 habitantes.

2.5.2 Puerto Quijarro

Puerto Quijarro é uma das três seções municipais que compõem a província de Germán Busch. No total, quinze províncias integram o Departamento (estado) de Santa Cruz, cuja capital é a cidade de Santa Cruz de la Sierra, distante 625 quilômetros de Corumbá. Entre Corumbá e os domínios de Puerto Quijarro percorrem-se 7 quilômetros de distância, tendo como principal via de acesso pelo Brasil, a rodovia Ramón Gomez.



Figura 4 – Esquema gráfico de Puerto Quijarro com os principais *cantones* e comunidades
 Fonte: Proyecto de Protección Ambiental y Social del Corredor Vial Santa Cruz-Puerto Suárez (s.d)

Fundada por Antonio Quijarro em 18 de junho de 1940, surgiu devido à implantação da estrada de ferro que liga o Brasil a Santa Cruz. A cidade de Puerto Quijarro, que orgulha-se de possuir a primeira estação ferroviária da Bolívia (fig.4), se destaca pela grande movimentação da mesma, que liga a região da fronteira com o restante do país, sendo meio de transporte preferido tanto de turistas, que podem apreciar detalhes da geografia e cultura ao longo da viagem, como pelos habitantes locais que buscam preço mais baixo frente a outras formas de locomoção. Não somente pessoas se deslocam pelos vagões do alcunhado Trem da Morte, mas também animais e produtos em geral. Entre Puerto Quijarro e Santa Cruz de la Sierra, ponto final desta malha ferroviária e grande pólo industrial e comercial boliviano, existem uma infinidade de cidades e povoados que são abastecidos e também dispersam produtos pelas locomotivas. A figura de número 5 mostra a fachada da atual estação de trem de Puerto Quijarro.

Mas esse fluxo frenético nem sempre foi assim como registrou Oliveira (2009).

(...) a Bolívia descobriu a fronteira. Inicialmente, foi uma descoberta com lentidão: produtos brasileiros chegavam de trem, até Corumbá, eram descarregados, e recarregados em caminhões, com destino a Puerto Quijarro, para embarque na *ferrocarril*. Esse movimento permaneceu brando até metade dos anos oitenta. Porém, a lentidão cedeu lugar a uma mobilidade sem precedentes (p.34).



Figura 5 – Fachada da estação ferroviária da cidade de Puerto Quijarro (2009)
Foto: Livia Gaertner

Para não fugir da pauta comercial, logo na região do limiar fronteiriço, está o *cantón* de Arroyo Concepción e sua popular “Feirinha” ou “Shopping Chão”, assim conhecida porque, em sua criação no início dos anos 90, os comerciantes expunham seus produtos em bancas improvisadas sobre lonas e tecidos no chão. Atualmente, o mais famoso e, por que não dizer, democrático ponto comercial desta fronteira, conta com uma estrutura de um grande galpão em que centenas de barracas, com predominância das que oferecem peças de vestuário, estão instaladas. Mais recentemente, em julho de 2009, a principal rua que corta essa região foi asfaltada, completando o quadrilátero que contorna esse centro comercial. Basicamente, se percebe em Arroyo Concepción a predominância de migrantes do ocidente boliviano, pessoas com perfil de comércio e que escolheram esta fronteira para desenvolverem seus trabalhos.

No passado recente grupos de pessoas [mais associadas aos *collas*] comerciantes passaram a migrar entre as diversas fronteiras, ocasionando o nascimento rápido, e a morte súbita de cidades. Quando se observa a população residente nas cidades fronteiriças, constata-se que ali vivem pessoas doutros lugares, que antes residiam em outras fronteiras. Esta migração interna reforça o fato da Bolívia ter fronteiras de todo tipo, das mais dinâmicas às mais mórbidas, em tempos recentes. (OLIVEIRA, 2009 p.31)

Esse movimento migratório também se solidificou em fortes traços culturais como, por exemplo, a culinária. Cena recorrente em todas as esquinas e lanchonetes da região é a presença da bebida *mocochinche*, um tipo de suco feito a base de uma calda de açúcar, pêssegos desidratados, canela e uma série de especiarias. Essa bebida, servida gelada, é bastante consumida devido ao calor intenso da região, e é originária do interior (ocidente)

da Bolívia. Pratos da cidade de Cochabamba, como por exemplo, o *pic macho* (mistura de carne, lingüiça, pimentão, cebola, tomate, envoltos num encorpado e apimentado molho de tomate coberto por batatas fritas) aparece não somente em cardápios de estabelecimentos bolivianos na fronteira, mas também em restaurantes de Corumbá.

Sua economia como comprovado anteriormente, é fixada no comércio, porém destaca-se também na exportação de cereais e derivados por *Puerto Aguirre*, através do Canal Tamengo, uma importante via navegável que liga a cidade aos rios Paraguai e Paraná, passando por Corumbá

Em relação à movimentação fluvial, o município possui quatro portos:

- Mirador Turístico (Municipal) – de inexpressiva ação comercial, sendo destacado como ponto turístico e local de onde partem pequenas embarcações de pescadores;
- *Puerto Tamarineiro* (Militar) – é mantido e utilizado pela Marinha Boliviana e suas embarcações;
- *Puerto Arroyo* ou Gravelal (privado) – pertencente à empresa Gravelal Bolívia S/A, cuja planta industrial foi desenhada para processar grãos de soja como matéria-prima principal e extrair óleo, farinha e casca peletizada a serem exportados, principalmente aos países do Pacto Andino.
- *Puerto Aguirre* (privado) – que movimenta a maior parte das transações comerciais de transporte fluvial dentro do território boliviano, com um fluxo de 200 t/hora de descarga e 450 t/hora de carga das barcaças, segundo dados da Ahipar (Administração da Hidrovia Paraná-Paraguai). Nele, também está instalada a Zona Franca com grande volume de comércio de produtos importados, essa característica montada sobre uma infra-estrutura similar ao comércio de grandes centros, popularizou o local como shopping.



Figura 6 – Entrada para Puerto Aguirre e fachada da Zona Franca (2009).
Fotos: Livia Gaertner

Quanto ao contingente populacional, de acordo com dados do INE (Instituto Nacional de Estadística), que realizou o Censo Populacional da Bolívia em 2001, Puerto Quijarro possui 12.903 habitantes.

1.5.3 Puerto Suárez

Puerto Suárez, capital da província de Germán Busch, é uma das mais antigas localidades fronteiriças do departamento de Santa Cruz. Seu surgimento remonta a um processo de ocupação que foi conformado pelo alargamento da atividade pecuária nos finais do século XVIII, quando criadores de gado da região de Santa Cruz de la Sierra adentraram no sertão chiquitano. A expansão das áreas de pastagem do rebanho bovino atendia não somente aos interesses dos criadores, mas também à formação de núcleos de colonização para a defesa e ocupação da fronteira boliviana com o Brasil e o Paraguai, principalmente à altura do rio Paraguai, onde seria possível a comunicação, por via fluvial, com toda a bacia platina.

Com esse propósito, o Governo da Bolívia concedeu, através de uma Resolução Suprema, em junho de 1875, uma concessão para ocupação de terras, abertura de caminhos e estabelecimento de portos no rio Paraguai à uma empresa particular de colonização cujo proprietário era Miguel Suárez Arana.

Pelo fato de vigorar um tratado firmado entre os governos brasileiro e boliviano ao final da guerra contra o Paraguai, proibindo o acesso direto da Bolívia a este rio, a *Empresa Nacional de Bolivia en el Rio Paraguay*, com sede em Santiago Chiquitos, deslocou homens para a bacia de Cáceres¹¹ a fim de fundar um povoado e o estabelecimento de um porto, que passou a ser conhecido pelo nome do presidente da *Empresa Nacional*.

O historiador boliviano Hernando Sanabria Fernández (1977) descreve no livro *Miguel Suárez Arana y la Empresa Nacional de Bolivia*, a criação do povoado que daria origem à cidade de Puerto Suárez.

¹¹ A Lagoa de Cáceres, segundo Galeano (2006), “se alimenta das águas provenientes do canal Tuyuyú e do rio Pimentón, que são abastecidos pelo rio Paraguai. (...) é muito importante para a região, pois permite a conexão da Bolívia com a Hidrovia Paraguai-Paraná, através do Canal do Tamengo (...)” (p.26)

“Allí el 10 de noviembre, ejecuta y preside el acto de fundación de un pueblo que tendrá jerarquía y funciones de puerto. Imbuido como se halla de las memorias históricas de sus predecesores españoles del siglo XVI rodea el acto de un ceremonial que quiere reproducir el que celebraban aquéllos en análoga circunstancia. Incluye esta ceremonia la iza de la bandera nacional en mitad del espacio que ha de ser plaza, el señalamiento y amojonamiento de parcelas para vivienda y las exclamaciones proferidas como toma de posesión personal y en nombre del gobierno. Manda labrar un acta que firma con su secretario Antonio Pérez y los principales de la comitiva” (Sanabria, p. 66 apud <http://www.bolpress.com/art.php?Cod=2007062710>)

O comércio fluvial foi amplamente praticado até a década de 30 quando começou a apresentar declínio. Crise que se aprofundou com a inauguração da estrada de ferro entre Puerto Suárez e Santa Cruz de la Sierra, nos anos 50. O eixo deixou de ser Puerto Suárez e foi transferido para o destino da maior parte das mercadorias que passaram a chegar através da via férrea, vindas do Brasil, ou seja, a cidade de Santa Cruz de la Sierra.

Foi nas décadas de 80 e 90 que começaram a florescer outras atividades econômicas na região que ganharam impulso graças a uma série de incentivos fiscais proporcionados pelo governo boliviano, entre os quais se destaca a transformação da fronteira em zona de livre comércio. Dessa época, surge o movimento migratório nesse território boliviano com a chegada, sobretudo de ex-mineiros do Altiplano oriundos das minas desestatizadas e que foram incentivados pelo governo a ocupar as áreas de fronteira. Eles se dedicaram a atividade comercial ou se transformaram em pequenos produtores agrícolas. Foi nesse período, mais precisamente no ano de 1984, que cria-se a província de Germán Busch com a capital designada à cidade de Puerto Suárez.

A distância entre Corumbá e Puerto Suárez estende-se por 16 quilômetros mas, apesar disso, a cidade é bastante visitada por moradores de Corumbá, principalmente quando o câmbio entre as moedas nacionais privilegia a brasileira, para as compras de produtos alimentícios, de limpeza e higiene no maior supermercado da região, o Tocale. O fluxo da moeda brasileira no estabelecimento é constante tanto que, para os comerciantes e moradores locais, o supermercado tornou-se, informalmente, um ponto para a troca entre o real e o peso boliviano.

Assim como Corumbá, a cidade possui um Aeroporto Internacional onde pousam e decolam aeronaves comerciais e particulares. Uma interação funcional observada em relação ao Aeroporto de Puerto Suárez é a presença de brasileiros que utilizam rotas que

incluem a cidade brasileira de São Paulo, na maioria dos casos. Como o valor oferecido pelas empresas aéreas é menor do que o praticado pelas brasileiras, o fronteiroço lança mão dessa vantagem.

Outra semelhança com Corumbá está nas riquezas encontradas nas morrarias que cercam o município boliviano. A mesma formação geológica garantiu não somente características físicas de um solo calcário a Puerto Suárez, mas também uma imensa reserva de minério de ferro e manganês na região de Mutún. Localizada a 41 quilômetros ao sul da área central de Puerto Suárez, a morraria de Mutún tem reservas de ferro estimadas em 40 mil milhões de toneladas numa área de 65 quilômetros quadrados.

O Rio Paraguai que “borda e lambe” a cidade de Corumbá, como diz o poeta Manoel de Barros, é o mesmo que encanta visitantes no Mirador (fig.7), em Puerto Suárez. A estrutura montada às margens do rio é digna de cartão postal, ao lado da *Plaza 10 de Noviembre*, que tem ao fundo a igreja de *Nuestra Señora de las Mercedes*.



Figura 7 - Mirante instalado às margens do Rio Paraguai na cidade boliviana de Puerto Suárez. Foto: Lívía Gaertner (2009)

Durante conversas com a população descobriu-se que para os habitantes da fronteira boliviana, a cidade é, convenientemente ao sabor da fala, chamada de Puerto. Aos ouvidos forasteiros, a redução pode causar um equívoco, pois abre a possibilidade de interpretar a cidade em questão como sendo Puerto Quijarro, no entanto, os moradores esclarecem que para esta a opção reducionista é Quijarro.

Fato relacionado por Galeano (2006) com as raízes da fundação da localidade.

“Puerto Quijarro leva esse nome em homenagem ao seu fundador Ministro Confidencial do Paraguai, Dom Antonio Quijarro, que organizou uma expedição em busca de uma saída soberana para o mar, por meio da Hidrovia Paraguai-Paraná, partindo das margens do Canal do Tamengo. Em sua homenagem a estação ferroviária ganhou o nome de Quijarro e posteriormente o acréscimo da palavra Puerto, devido à criação de um porto sobre a Lagoa de Cáceres, denominado Porto Tamengo” (p.25)

Em proporções territoriais, Puerto Suárez congrega maior parte da província de Germán Busch, com uma população aferida pelo INE em 20.103 habitantes.

3 O ASPECTO LOCAL

3.1 A notícia daqui

Após o frenesi do “globalizar”, causado principalmente pelo surgimento de novas tecnologias, como a Internet, que permite velocidade e integração em rede mundial, o que parece ditar novas relações, ou pelo menos diluir esse conceito é o “local”.

Canclini (1999) lembra que a “moda” da globalização influenciou na forma do consumo e de exercer a cidadania ao supervalorizar um acelerado ritmo do tempo em detrimento de sua fonte, sua origem.

A internacionalização foi uma abertura das fronteiras geográficas de cada sociedade para incorporar bens materiais e simbólicos das outras. A globalização supõe uma internacionalização funcional das atividades econômicas e culturais dispersas, bens e serviços gerados por um sistema com muitos centros, no qual é mais importante a velocidade com que se percorre o mundo do que as posições geográficas a partir das quais se está agindo. (p.17)

Considerada um produto, a notícia sofreu mudanças na forma de ser consumida. Chegou-se até a prever a morte de meios impressos como fonte de informação diante das vantagens oferecidas por meios eletrônicos, entretanto em recente pesquisa, Sant’Anna (2008) observou que os jornais locais permanecem como uma tendência da sociedade contemporânea.

(...) as pessoas estão dedicando menos tempo à leitura e comprando menos exemplares de revistas e jornais. E parte do tempo dedicado à leitura se deslocou dos jornais e revistas de grande circulação para jornais locais e revistas especializadas (...) esse movimento é coerente com uma mudança de ênfase – descrita na literatura – no consumo de informações do maciço e global para o individualizado e local. (p. 49)

Diante da enxurrada de notícias minuto a minuto enviadas de toda parte do globo, descobrir e valorizar o que está próximo parece chamar mais a atenção do leitor. Mais do que isso, “apesar de tudo estar conectado globalmente, o público quer se ver, se ouvir, entender-se como sujeito participativo dos processos sociais em curso”. Por isso opta diante do vasto universo comunicacional, por “veículos mais simples quanto a sua produção, como um jornal impresso composto por poucas páginas, que retrata o cotidiano

de uma pequena comunidade”. (MÜLLER, 2003, p.81 e 66)

É uma leitura segmentada e que, se trazida ao espaço geográfico, encaixa-se no conceito de “jornalismo de proximidade”, de Camponez (2002 *apud* OTA, 2006), descrito como um recorte de um espaço mais vasto, em contraposição ao movimento global da informação.

(...) a proximidade pode ser geradora do que denominamos por comunidades de lugar. O conceito reporta-se a uma proximidade situada localmente, num espaço e num tempo territorialmente identificados, e surge em contraposição ao conceito de “comunidades sem lugar”, ligadas por interesses e valores comuns, mas que não têm por referência um território específico. (p. 133)

O conceito de proximidade, nos meios locais, agrega ainda a responsabilidade pelas trocas de informações que podem integrar, reintegrar ou desintegrar, e por isso importante na região fronteira.

3.2 – Quando o local é a fronteira

Compreender o local na fronteira requer observações à parte de demais áreas do país. Vejamos o que diz Camponez (2002) sobre o jornal local.

“Na sua perspectiva, o jornal local estabelece uma relação mais convival e calorosa, regida pelo dever de informar: em primeiro lugar, sobre o que está a sua volta, em segundo lugar, acerca dos acontecimentos do seu país e, finalmente sobre o mundo, interpretando os factos sobre à luz das vivências locais” (p.121)

Esse sequencial cai por terra, se considerarmos que o terceiro estágio citado, o de mundo, é encaixado perfeitamente como o primeiro, o de lugar, em regiões de fronteira. Afinal, o que seria internacional (o país vizinho) diz e afeta diretamente essas relações diárias no recorte do espaço de interseção fronteira.

Usualmente, as publicações locais não trazem editoriais internacionais; isso porque buscam temas mais próximos de seus leitores, deixando que painel de outras nacionalidades seja narrado por jornais de maior circulação como os nacionais. Na fronteira, isso não ocorre porque o internacional, o outro lado, também é o local. A influência que determinado fato desencadeia como repercussão para o outro vetor nesse

fluxo de relações singulares forjadas no cotidiano dessas localidades, faz lembrar que não estão isoladas por um limite, uma faixa espacial. “Estas duas esferas andam lado a lado, confundem-se: o que se passa do outro lado (do Rio e da Ponte ou da Rua e do Parque) representa muito mais a vida local e muito pouco a internacional” (MULLER, 2003, p, 85)

Assim, o processo de jornalismo local é redesenhado com a fronteira até mesmo quanto à prática. Soares (2008) explica que essa diferença passa longe do formato, mas reside na forma de entender o vizinho.

Fazer jornalismo em uma região de fronteira não é tarefa fácil para os profissionais. Exige, além de técnica jornalística, um conhecimento maior a respeito de seu próprio país e do país vizinho localizado bem à frente. Entender o outro com capacidade intelectual e analisar constantemente questões culturais, políticas, sociais e econômicas de outro país. Ao mesmo tempo, pesquisar temas e enfoques que tenham interesse jornalístico em seu próprio país (p.70)

O jornalista que atua na fronteira aprende no cotidiano uma postura que não é colocada em nenhum curso de formação superior. É condição *sine qua non* para que desempenhe um trabalho comprometido com a profissão, a tarefa de entender o outro sem trazer juntos conceitos formados num discurso superficial. Faz-se necessário discernimento e habilidade para produzir um discurso que evite agravar conflitos que possam ajudar na formação de uma área hostil.

A diretora e proprietária do jornal Diário Corumbaense, jornalista Rosana Nunes, explica, ao exemplificar a questão da segurança, como essa postura faz do jornalismo de fronteira, uma prática singular.

É diferente porque as situações aqui no Brasil e as situações na Bolívia são pontos distintos. (...) A segurança, por exemplo, na Bolívia, né? Aqui mesmo no Brasil você compra um produto furtado ou roubado você é indiciado por receptação. Na Bolívia, não. Isso acaba até estimulando a prática do roubo e do furto de veículos aqui dentro. Então é um dos pontos que a gente, assim, tem que tá tendo zelo, tem que tá tendo cuidado com a informação porque a legislação da Bolívia é diferente do Brasil. Então como é que você vai bater de frente com a legislação de um país que as autoridades precisam tomar as providências e mudar. (...) Inclusive um eleitor da Bolívia, que votou no domingo nas eleições, ele disse isso pra repórter aqui do Diário: é preciso combater o tráfico de drogas, a receptação de carros lá dentro do território boliviano. Porque a imagem que se tem aqui fora é que todos os bolivianos participam desse tipo de ato ilegal, de ato ilícito, mas não, a maioria do povo boliviano, a maioria das pessoas trabalha de sol a sol pra ganhar o seu sustento, é um povo sofrido. A gente vê aqui que são poucas as famílias que têm o poder

aquisitivo elevado aqui nessa região de fronteira. Então, você vê que a maioria do povoado aqui de Germán Busch é composta por gente humilde, por gente que batalha dia-a-dia. Mas por conta de toda essa situação de, sabe, de segurança, de receptação, de roubo, tal, aí a imagem que se passa é assim, infelizmente. Então, quer dizer, e nós, como jornalistas, como veículos de comunicação precisamos ter a atenção necessária pra saber discernir cada tema, pra saber lidar com aquilo da melhor forma possível, pra que você leve a informação, mas sem você estar afetando, atingindo, não é? No caso, os bolivianos, a cultura, a legislação, a história deles. É uma situação singular”. (Trechos da entrevista concedida a esta pesquisadora em 2010)

O jornalismo de fronteira possui características de uma prática de interior, mas não se restringe a elas. Vai além, ao permear diariamente, relações entre o local (recorte do nacional) e o internacional (espaço que esbarra, literalmente, em seus limites).

3.3 - A questão profissional

Nas visitas tanto às redações dos jornais impressos, como a outros veículos, como emissoras de rádio e TV nos dois lados da fronteira ficou evidente que tanto bolivianos como brasileiros compartilham da dificuldade em conseguir pessoal com conhecimento, formação e experiência na área.

Essa distância dos grandes centros, já exposta anteriormente, ainda gera o pouco interesse pelo mercado de trabalho da comunicação na fronteira onde a estrutura é bem diferente da encontrada nas empresas dos grandes centros urbanos dos países aqui estudados.

Em relação à formação profissional, mais uma vez, os centros formadores de mão-de-obra qualificada se concentram nas capitais (Campo Grande e Santa Cruz de La Sierra) onde as universidades oferecem cursos de nível superior nas áreas de Comunicação Social-Jornalismo.

A tendência é que o trabalho acabe sendo realizado por pessoas que, em muitos casos, não conhecem a prática jornalística e, conseqüentemente, acabam refletindo pouco ou não refletindo sobre a mesma, já que o ritmo do cotidiano impõe a necessidade de uma produção acelerada. Assim, as empresas locais apostam em jovens que fazem do cotidiano a oportunidade de adquirir experiência e se firmarem no mercado local. Estes atuam ao lado de profissionais que acumularam anos de vivência, fazendo dessa forma, a renovação do quadro profissional nessas cidades.

O que ouvimos em relatos de profissionais tanto de Corumbá como de Puerto Quijarro e Puerto Suárez é que os jovens jornalistas formados em universidades não se

predispõem a atuar num local tão diferente dos grandes centros em que são oferecidos os cursos de sua formação. Com uma realidade profissional, principalmente, em termos estruturais e de rotina de trabalho bem diferente das que conhecem, aliado a uma imagem de fronteira como um lugar hostil, eles preferem ainda assim encarar o competitivo mercado das capitais e cidades grandes.

E já que falamos da rotina de trabalho, outro aspecto interessante foi pontuado: o acúmulo de funções. Para colocar uma edição impressa nas bancas ou um telejornal, radiojornal no ar, é preciso haver um somatório de esforços, afinal a mão-de-obra é pouca e o tempo também, assim, repórteres tomam para si a responsabilidade por conseguir boas fotos para ilustrar seus textos; já nas emissoras de TV, por exemplo, o cinegrafista também edita as matérias que vão ao ar; em muitos casos, o repórter é seu próprio produtor. A figura do pauteiro, pessoa responsável por coletar e levantar informações que podem vir a se tornar notícia, não foi presenciada em nenhuma das redações. Uma função que é fracionada entre a direção da empresa, os próprios repórteres e qualquer outro funcionário que tenha uma sugestão de algo que mereça ser registrado. Assim, a segmentação da estrutura de uma empresa jornalística é reconfigurada conforme a necessidade local.

Quanto às organizações sindicais, presenciou-se um quadro bastante diferente nos dois territórios estudados. Na Bolívia, tanto a cidade de Puerto Quijarro como a de Puerto Suárez possuem suas representações locais, com respectivos sindicatos, reunindo os trabalhadores na imprensa nestes municípios, independente do veículo que atuam. Seja em rádios, televisões, sites ou nos jornais impressos (correspondentes), esses profissionais se amparam numa coletividade local e traçam suas relações além dos domínios de cada empresa para qual prestam serviços. Neste espaço, eles se reafirmam como profissionais da imprensa e definem, em encontros periódicos que realizam, a forma de atuação e demais temas concernentes à atuação profissional.

Em compensação do lado brasileiro, não há representação local do Sindjor-MS (Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Mato Grosso do Sul), tendo que os jornalistas locais recorrerem à Campo Grande quando precisam de orientações e trâmites como se filiar à instituição, buscar orientação jurídica, bem como demais atribuições cabidas ao sindicato. Em Corumbá, a única organização profissional com representação legal presente é o Sintercom (Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão, Televisão, Publicidade e Similares do MS), popularmente conhecida como “sindicato dos radialistas”

por agregar em suas bases locais a maioria de filiados dentre profissionais que atuam nas empresas radiofônicas.

Sobre as formas de relacionamento com os profissionais brasileiros, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Imprensa de Puerto Quijarro, Manoel Correa, foi enfático.

Não temos nenhum tipo de contato. Nosso Sindicato está muito ansioso por ter uma aproximação com os jornalistas de Corumbá para intercambiar critérios culturais, econômicos e outros para que possamos nos integrar melhor. Inclusive, para que possamos visitá-lo e para que eles nos visitem porque essa seria a melhor maneira de nos conhecermos, tomando como base que somos um pólo de desenvolvimento e precisamos conduzir a opinião pública para isso, e melhor se fizermos isso em conjunto. Quero mandar um abraço a todos os colegas jornalistas da cidade de Corumbá e dizer que estamos tão pertos e parece que tão longe. (Parte da entrevista concedida a esta pesquisadora em 2009)

Por sua vez, o representante regional do Sintercom em Corumbá, radialista Marco Fonseca, também declarou.

Um intercâmbio entre nós não existe. Pelo menos não é do meu conhecimento de colegas de lá, do sindicato deles que procure a gente. Pelo menos, no meu conhecimento, isso não existe. (...) Cada país tem seu regimento e, muitas vezes, esse contato não é tão necessário de forma sindical, mas seria necessário de forma profissional. (...) Porque, muitas vezes, você tem essa liberdade de atravessar a fronteira. Você está trabalhando. Mas você tem totalmente o desconhecimento de como é o trabalho daquele lado, a cultura, a parte profissional, a parte de leis. Totalmente diferenciado do nosso. (Trechos da entrevista concedida a esta pesquisadora em 2010)

E neste ponto, talvez, resida a dificuldade dos profissionais dos meios de comunicação nesta fronteira estudada, já que eles replicam o que permeia essas populações, ou seja, uma tendência ao afastamento da fronteira, do outro. Isso fica evidente no trecho da entrevista

Abaixo colocamos o contato com os representantes dos sindicatos

Sindicato dos Trabajadores de la Prensa de Puerto Quijarro

Manuel Correa A (presidente)

978-21787/978-2690

726-38625 (cel)

carolinafmytv4@hotmail.com

Escritório na sede da TV Carolina (av. Luiz Salazar de la Veja, 905 – Arroyo Concepcion)

Sindicato dos Trabajadores de la Prensa de Puerto Suárez

Pablo Lobo (presidente)

pablolobo_prensa@hotmail.com

710-66034

Escritório no Comitê Cívico de Pto. Suarez

Agência de Despachante Aduaneira Yacuiba, em Puerto Aguirre (Shopping, Zona Franca)

Sintercom - Corumbá

Marcos Fonseca (representante regional)

fonsecaesporte@hotmail.com

3.4 Os veículos de comunicação da fronteira Brasil-Bolívia

3.4.1 Jornais

Em nossa investida na busca de detalhar quais veículos produzem as notícias divulgadas na fronteira em questão, nos deparamos com um dado que nos surpreendeu: enquanto em Corumbá temos uma concentração de jornais impressos, nas cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suárez, na Bolívia, não existe nenhuma produção local.

Para referendar essa afirmação, procuramos expor o quadro atual de publicações que circulam tanto em Corumbá (Brasil) como nas cidades bolivianas. Atualmente, Corumbá possui seis publicações produzidas em nível local, sendo duas diárias (Diário de Manhã e Diário Corumbaense), três semanárias (Correio de Corumbá, Folha de Corumbá e O Corumbaense) e uma mensal, o Jornal da Mulher. Todas, com exceção das duas últimas citadas, são impressas em gráficas próprias.

Uma experiência que merece ser destacada, apesar de não configurar dentro do nosso período de análise, é o “Diário do Festival”. Edições especiais do jornal Diário Corumbaense durante o período do Festival América do Sul, evento que reúne a cultura dos povos sul-americanos em quase uma semana de atividades na cidade de Corumbá. O Diário do Festival, produzido desde a quinta versão do evento em 2007, mostra ainda que, temporariamente, o registro de convivência de duas línguas (Portuguesa e Espanhola). Evidencia “o eu” e “o outro” dentro da prática de compartilhamento de uma área comum, de um produto comum, nesse exemplo, as páginas de um jornal impresso.

4 Corumbá - MS - Domingo 19 de agosto de 2007 - Edição 76

DIÁRIO CORUMBAENSE

FAS 2007

Nossa Capa



DIÁRIO CORUMBAENSE
DO FESTIVAL AMÉRICA DO SUL

*Gracias, América!
Obrigado,*

Livia Gaertner

A viola-de-cocho que ilustra a última capa do Diário do Festival é um instrumento artesanal que ganha destaque nas manifestações culturais ligadas à religiosidade e à brincadeira nos ritmos do cururu e do siriri. De confecção artesanal, ela retira da natureza as matérias-primas das quais a principal é o tronco inteiriço de madeira vinda da ximbuva ou do sara-de-leite, espécies típicas do pantanal e do cerrado.

De formato singular, o instrumento é escavado na parte que corresponde à caixa de ressonância. Nesse "cocho" é afixado um tampo e as partes que caracterizam o instrumento, como o cavalete, o espelho, o rastilho e as cravilhas. A afinação das cinco cordas da viola é, de baixo para cima (si, fá#, dó#, si, mi). "O difícil nessa viola é a afinação. Quem afina

violão, não afina a viola. Pode até tocar, mas afinar..." explicou o mestre cururueiro Agripino Magalhães Soares, de 89 anos, mais conhecido como seu Agripino.

A viola integra o complexo musical, juntamente com o ganzá (reco-reco de taquara) e o tamborim ou mocho (banco cujo assento de couro é percutido com baquetas de madeira). Em 2004, o instrumento foi tombado como patrimônio cultural imaterial de Mato Grosso do Sul.

Nuestra Capa

La "viola-de cocho" que ilustra la última capa del Diario del Festival es un instrumento artesanal que gana destaque en las manifestaciones culturales ligadas a la religiosidad y a los juegos en los ritmos del cururu y el siriri. Hecho artesanalmente, ella retira de la naturaleza las materias primas de las cuales la principal es el tronco entero de la madera que viene de la ximbuva o del sana-leche, especies típicas del pantanal y del cerrado.

De forma singular, el instrumento es cavado en la parte que corresponde a la caja de resonancia. En ese "cocho" es fijado una tapa y las partes que caracterizan el instrumento, como el caballete, el espejo, el castillo y las cravillas. La afinación de las cinco cuerdas de la guitarra es, de abajo para arriba (si, fá#, dó#, si, mi). "Lo difícil en esta guitarra es la afinación. Quién explico fué el maestro cururueiro Agripino Magalhães Soares, de 89 años, más conocido como Don Agripino. La guitarra integra el complejo musical, juntamente con el ganzá (reco-reco de taquara) y el tamborim o mocho (banco cuyo asiento de cuero es percutido con baquetas de madera). En 2004, el instrumento fué tombado como patrimonio cultural inmaterial de Mato Grosso do Sul.

Traduções: Professora Bertha Salek – Especialista em Inglês, Francês e Espanhol
Contatos: 9284-7481 e 3231-8032

Figura 8 – Reprodução de conteúdo bilíngüe do jornal Diário do Festival (2007). Fonte: Arquivo pessoal

No lado boliviano da fronteira, como pudemos levantar em nossas investidas, o quadro em relação a uma publicação local é deficitário. Puerto Quijarro e Puerto Suárez não produzem nenhum jornal local, sendo a situação suprida por jornais de circulação nacional ou por aqueles direcionados ao interior do país.

Durante nosso período de investigação foram encontrados alguns exemplares do jornal mensal Sin Fronteras com composição bastante interessante, pois possuía um perfil empresarial com notícias e publicidades da província de Germán Busch, na Língua Espanhola, bem como reservava parte de suas páginas para textos em Língua Portuguesa, sempre envolvendo a temática comercial e de negócios. Porém, essa publicação é difícil de ser encontrada, pois não é comercializada em pontos fixos e, durante o período da pesquisa, não conseguimos contatar representantes do mesmo.



Figura 9 – Fotos da capa externa (em Espanhol) e capa interna (em Português), com detalhe para o cabeçalho em que são registrados dois valores de venda: um para o Brasil e outro para Bolívia. Fotos: Livia Gaertner (2009)

Essas características dariam a publicação, se ainda estivesse presente, o caráter de um jornal transnacional, como classifica Soares (2008).

“As notícias transnacionais transpõem a linha divisória da fronteira para serem alcançadas no território de outro país. Referem-se a pessoas e a questões de outra nação (...) Este tipo de notícia permite que cada comunidade se informe mais a respeito das realidades da outra” (p.170, 171).

Dentre os jornais mais consumidos nessas cidades da fronteira boliviana está o “El Deber”, com sede na cidade de Santa Cruz de La Sierra, capital do departamento de Santa Cruz, distante mais de 600 quilômetros da área fronteiriça. Em pontos fixos de comercialização, ou nas mãos do *canillitas*, nome que se dá aos meninos que vendem exemplares pelas ruas e que em português pode ser traduzido como “canelinhas”, o El Deber surge como o jornal preferido na fronteira do lado boliviano, conforme atesta a

Maria Esther Guzmán, presidenta do Sindicato dos Cambistas de Arroyo Concepción. Apesar de ser uma leitura com enfoque nacional, ela explica que o fator econômico (preço do jornal) ajuda a decidir pela compra do El Deber frente a outras publicações voltadas para nível departamental e provincial.

Esse periódico vai a todos os departamentos e províncias. Para nós, aqui, chega avião, ônibus e trem. Temos várias empresas de transporte aéreo TAM, Aerosur, Gol e todos chegam por manhã e por tarde. Mesmo assim algumas vezes, por exemplo, depois das eleições para governador e para prefeito, todos os exemplares acabaram nas cidades maiores e não sobrou para nós aqui, em Puerto Suárez. Até mesmo quem não comprava durante o ano, passou a comprar depois de domingo (4 de abril). Ficamos sem poder ler, apenas apelando para a informação por televisão e por rádio, mas no jornal vem mais explicado, mais clara, mais larga, porque no telejornal a notícia vem curta. (...) El Deber tem sociais, comerciais e também assuntos políticas, sociais, de beleza, de esporte. É um jornal completo, com todos os setores sociais que há em um povo, em uma cidade, tem praticamente o mesmo preço e mais folhas que um local, então preferimos comprar o mais completo. (Entrevista concedida a esta pesquisadora em 2010).



Figura 10 – Maria Esther Guzmán comprando exemplar do jornal Em Deber através de *canillita* Jair Justiniano Alvis. Fotos: Livia Gaertner (2010)

Também podemos encontrar exemplares dos jornais “La Rázon” e “El Día”, ambos também de circulação nacional. Há ainda a publicação quinzenal (El Dino), voltada para relatar os fatos das províncias do departamento de Santa Cruz, bem como exemplares do jornal “Catarsis”, que aglomera notícias de cidades que envolvem o trajeto desta fronteira

até a cidade de Santa Cruz de la Sierra. Aliás, é na capital Santa Cruz de La Sierra, onde todas essas publicações citadas são impressas, pois não existe maquinário para a impressão nas cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suárez.

Essa é uma situação que ilustra a afirmação de que a fronteira configura-se como um lugar de passagem, ou seja, apesar de grandes volumes de bens chegarem a essas localidades, eles não permanecem nelas, pois o destino é o interior dos países, os grandes centros. No Brasil, a realidade não é tão diferente, se pensarmos no aglomerado dos recursos das empresas jornalísticas na região Sudeste, por exemplo.

A publicação com teor exclusivamente local mais próxima da fronteira estudada foi, em solo boliviano, detectada na província de Chiquitos, sendo destinada aos moradores da cidade de Roboré, distante pouco mais de 240 km da cidade de Puerto Quijarro, na província de Germán Busch. De acordo com a *consejal municipal* (vereadora) de Roboré, Margarita Diaz Zeballos, o jornal intitulado “El Paquió” também é impresso na cidade de Santa Cruz de la Sierra, a exemplo do que já foi mencionado acima, mostrando que a falta de estrutura para impressão se estende para além da região traçada como fronteira.

Puerto Quijarro e Puerto Suárez estampam, sim, periódicos, mas os nacionais quando algum assunto chama a atenção dos chefes de redação desses veículos. É aí que entra em cena o trabalho dos *corresponsais* (correspondentes). Graças a eles é que essas cidades não somem do mapa informacional, porém a frequência e a possibilidade de explorar mais a informação ficam sujeitas às redações nacionais.

A falta de publicações locais ou mesmo uma estrutura longe das ideais vai além de apenas não poder se identificar com assuntos nas bancas ou locais de venda. Camponez (2002 *apud* OTA 2006) ressalta a função simbólica que a informação exerce sobre a comunidade, “é fundamental, pois é ela que agudiza o sentimento de pertencimento e estreita laços de identidade”. (p.133)

Diferente do que acontece com o sinal de algumas televisões e rádios que chegam até aparelhos dos dois países, ignorando o limite geográfico imposto, e até mesmo a internet, que com seus sites de notícias e blogs atingem o mundo inteiro conectado à rede mundial de computadores, o jornal impresso parece se posicionar como a parte mais fraca de uma possível interação. Não devido a sua capacidade de informar, mas ao seu formato que precisa ultrapassar diariamente o limite divisório entre os países para adentrar naquela comunidade. Por isso, não encontramos nenhum exemplar de qualquer publicação, seja ela boliviana ou brasileira, sendo comercializada em territórios vizinhos. Situação confirmada

pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Imprensa de Puerto Quijarro, Manoel Correa que nos afirmou que quando os jornalistas bolivianos querem se informar sobre o que acontece no Brasil recorrem a outros meios. “Não nos chega os jornais brasileiros aqui, não há venda (...) buscamos por sites de notícia e escutamos as rádios brasileiras logo cedo para nos pautar. E o mesmo acontece em Corumbá, os jornais bolivianos não chegam lá”.

Assim, a título de contribuição, aproveitamos então para elencar os jornais locais impressos na cidade de Corumbá.

Jornal Folha de Corumbá

Grupo Pantanal de Comunicação

Periodicidade: semanal

Diretor Presidente: Uriel Raghiant

Diretor Comercial: Caibar Silva Pereira

Rua: XV de Novembro, nº 564 – Centro.

Fone: 3231-1060

Cep: 79330-000

folhacrb@terra.com.br

Mais informações: Seu formato é tablóide (42 cm x 29,7 cm). O jornal apresenta dois cadernos, ambos com oito páginas em seis colunas.

Jornal Diário Corumbaense

Periodicidade: de 2ª a 6ª feiras

Diretora: Rosana Nunes

Rua 15 de Novembro, 75 - centro

Fone: 3232-5806 e 3232-5127 ou 9987-1430

Site www.diarionline.com.br

www.twitter.com/diarionline

Mais informações: Formato Berliner (24 cm x 41 cm), com tiragem de 1.500 exemplares, no sistema off set. Seu primeiro número circulou em 04 de maio de 2007.

Jornal Diário da Manhã

Periodicidade: diária

Diretor: Waldemar Baiaroski

Rua: Cabral, nº1121 – Centro.

Fone: 3232-2747

Cep: 79300-090

E-mail: damanha@ibest.com.br

Mais informações: O mais antigo da cidade, fundado em 15 de março de 1979. O jornal apresenta o formato standard (66 cm X 48 cm), com seis páginas, três colunas. Sua impressão é feita pelo sistema de linotipo (chumbo quente), em gráfica própria

Jornal Correio de Corumbá

Periodicidade: semanal

Diretor: Farid Iunes Solominy

Rua: 13 de Junho, nº 1324 – A – Centro.

Fone: 3231-0357

www.correiodecorumba.com.br

Mais informações: As edições apresentam 16 páginas com quatro colunas. Seu primeiro número circulou no dia 21 de setembro de 1971.

Jornal O Corumbaense

Periodicidade: semanal

Editor chefe: Otávio Neto

Rua América, 689, Centro

E-mail: ocorumbaense@hotmail.com

Fone: 3231-7189

CEP: 79300-000

Dep. Comercial: Eureka Comunicação Empresarial

Fone: 9985-4811

www.twitter.com/ocorumbaense

Jornal da Mulher

Periodicidade: mensal

Jackeline Cosenza

Rua XV de Novembro, 227, sala 4

jornal-da-mulher@hotmail.com

3.4.2 Televisões

Este trabalho teve como objeto de pesquisa os jornais locais, mas em nossas investidas pela área comunicacional da fronteira pensamos que seria de grande valia elencar as empresas existentes nas duas porções dos países estudados. Assim, chegamos a ter contato com profissionais de grande parte dessas empresas das quais, em conversas informais, levantamos dados não somente para um catálogo com endereços e formas de contato, mas para informações que julgamos que não deveriam ser descartadas.

Quando nos direcionamos para as emissoras de TV local, houve uma inversão do quadro mostrado com os jornais impressos. Nesta modalidade, a Bolívia acumula um total de seis empresas e, a maioria delas, quatro, somente na cidade de Puerto Quijarro, incluindo um canal universitário.

Já em Corumbá, apenas há a TV Morena (afiliada da Rede Globo) com sede e programação local. Os demais canais: TV MS Record, TV Campo Grande (afiliada SBT), Rede Vida, Rede TV! e Bandeirantes são sintonizados graças a uma antena coletiva que repete os sinais vindos de Campo Grande.

Um quadro que deve começar a mudar com a implantação da TV MS Record em Corumbá prevista para entrar em funcionamento no dia 18 de abril deste ano, segundo nos afirmou o gerente comercial da futura emissora, Edmílson Lucas Rachel. A sede, que ficará localizada em um dos prédios centenários do Casario do Porto, já teve o espaço reformado.

Mas, por enquanto, o que se assiste de produto local é restrito ao telejornalismo da TV Morena Corumbá, com duas edições diárias. Algo não muito diferente das televisões bolivianas que, entre toda programação, apenas no jornalismo nota-se a marca da localidade. A produção de programas autenticamente locais não é cena recorrente ao trocar os canais de televisão que acabam por retransmitir grades nacionais na maior parte do tempo em que estão no ar.

Das emissoras instaladas na Bolívia, chegam a Corumbá os sinais da Red Unitel – Puerto Suárez (canal 9) e da TV Carolina (canal 4) que retransmite a programação da rede televisa ATB. Por sua vez, em solo boliviano, pode-se assistir à programação da TV Morena-Corumbá (canal 5). Segue o índice de empresas, divididas por cidades:

- **Puerto Quijarro (Bolívia)**

TV e Rádio Carolina

Canal 4
 Proprietário: Manuel Correa
 av. Luiz Salazar de la Veja, 905 – Arroyo
 Concepción
 978-21787/978-2690
 726-38625
carolinafmytv4@hotmail.com

TV Si Frotel

Canal 30
 Bairro San Juan
 Proprietário: Victor Mejia

Empresa Estatal Bolívia TV

Canal 7
 Avenida Luis Salazar de la Vega
 Representante: Rosendo Calle Ventura
 766-00859

TV Continental (universitária)

Canal 22
 Av. Luis Salazar de la Vega (final barrio
 Ferroviario)
 978-2545
 Diretor: Raul Montenegro
 Proprietário: Saturnino Fernandez

- **Puerto Suárez (Bolívia)**

Red Unitel

Canal 9
 Proprietária: Elizabeth Zapata Antezana
 976-3116/976-3200



Figura 11 – Estúdio da TV Carolina na cidade de Puerto Quijarro (2009).
 Foto: Livia Gaertner



Figura 12 – Estúdio da TV Unitel-Puerto Suárez; apresentadora Elizabeth Zapata.
 Foto: Livia Gaertner (2009)

Gran Pantanal

Canal 12

- **Corumbá (Brasil)**

TV Morena (afiliada Rede Globo)

Canal 05

Gerente Regional: Jaime Pereira

Chefe de Reportagem: André Navarro

Rua: João Afonso, nº 361 – Popular Velha

Fone: 3234-4010

Cep: 79300-000

www.rmtonline.com.br/ms

Rede MS Integração de Rádio e TV Ltda.

Organização Ivan Paes Barbosa

TV MS Record (afiliada TV Record)

Canal 11

Rua Manoel Cavassa, 15

Gerente Comercial: Edmílson Lucas Rachel

Gerente Geral: Ulysses Serra Neto

Fone: (67) 3232-8888

www.msrecord.com.br

Inauguração: 18 de abril de 2010

TV Campo Grande (afiliada SBT)

Canal 13

Retransmitida por antena coletiva

Rede Vida

Canal 15

Retransmitida por antena coletiva

Rede TV!

Canal 19

Retransmitida por antena coletiva

Bandeirantes

Canal 21

Retransmitida por antena coletiva

3.4.3 Rádios

Em relação aos meios radiofônicos, esta fronteira apresenta um quantitativo alto desse meio de comunicação, principalmente no território boliviano.

Nas cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suárez, foram registradas dez emissoras, com um dado bastante interessante: todas sintonizadas na banda FM. A Bolívia apresenta

vantagem não apenas numérica em relação a Corumbá, mas de diversidade de perfil afinal, encontramos nas cidades bolivianas uma rádio estatal, uma rádio evangélica, outras comunitárias, sem contar as comerciais.

No lado brasileiro, a diferença quantitativa só não ficou maior, pois recentemente foram incluídas: a Rádio Globo Corumbá, pertencente ao Grupo Pantanal de Comunicação, e a FM Cidade, a mais nova integrante da Rede MS Integração de Rádio e TV, e que está no ar, em caráter experimental desde fevereiro deste ano, mas ainda não foi oficialmente inaugurada. Com essas aquisições, Corumbá passa a ter oito emissoras, sendo três em banda AM e cinco sintonizadas em FM. Dessas cinco, duas são comunitárias.

São das emissoras de rádio da Bolívia que percebemos uma tentativa de interação. Em algumas delas, há locutores brasileiros apresentam programas na Língua Portuguesa e têm participações tanto de ouvintes brasileiros como bolivianos, que ligam para telefones celulares brasileiros dos apresentadores ou enviam mensagens de texto. Fato que não se replica no lado brasileiro, que fica restrito ao universo de Corumbá.

- **Puerto Quijarro (Bolívia)**

Rádio Carolina FM

Frequência: 97.1 MHz

Proprietário: Manuel Correa

av. Luiz Salazar de la Veja, 905 – Arroyo Concepcion

978-21787/978-2690

726-38625 (cel)

carolinafmytv4@hotmail.com

Tamengo FM - “Bolívia em onda”

Frequência: 95.5 MHz

Avenida Naval, s/n

Puerto Quijarro/Santa Cruz/Bolívia

Tel: 9782608

Cel: 710-82151

Proprietário: Oscar Gonzáles Loayza

Pantanal FM

Calle 1° de mayo

Ercel FM

Bairro Cotoca

Proprietário: William Arteaga

Alfa y Omega FM (Evangélica)

Frequência: 101,5 Mhz

Diretora: Olenir Pereira Lima

Calle San Jose esquina com calle San Ignacio, barrio Ferroviario

Rádio Saturno (Universitária)

Frequência: 97.9 MHz

Av. Luis Salazar de la Vega (final barrio Ferroviario)
978-2545

Diretor: Raul Montenegro

Proprietário: Saturnino Fernandez

Rádio Divisa FM

Frequência: 96.3 MHz

Calle Santa Cruz s/n, Zona Oeste
Puerto Quijarro, próxima à Alcaldia Municipal

Referência: fundos da ONG WWF

- **Puerto Suárez (Bolívia)**

Rádio Continental FM

103.5 MHz

Proprietária: Elizabeth Zapata Antezana

976-3116 ou 976-3200

Rádio Cultura - “Voz del Pantanal Boliviano”

103.5 MHz

Rádio Frontera**Red Pátria Nueva** (estatal)

Radio Integradora

99,9 MHz

- **Corumbá**

Sociedade Rádio Clube de Corumbá Ltda. – “A rádio que realmente cuida de você”

Frequência: 1410 kHz

Diretor Artístico e Administrativo: Gabriel Corrêa.

Direção Geral: Fabrício Arruda.

Rua: Delamare, nº 1274 – Centro.

Fone: 3234-9005

Cep: 79300-000

www.novaclubeam.com**Rádio Transamérica**

Frequência 92.9 MHz

Gerente: José Antônio Salomão

Rua: Monte Castelo, nº 305 – Popular Velha.

Fone: 3231-9200/3232-2779

Cep: 79300-000

FM Pantanal – PAN (comunitária)

Frequência 87.9 MHz

Rua D Aquino Corrêa, s/n c 2758

Dom Bosco - Corumbá - MS - CEP: 79331-080

Fone: (67) 3231-4653
E-mail: superpanfm@hotmail.com

FM Pantaneira (comunitária)

Frequência: 87,9 MHz
Rua José Belmiro Maciel de Barros, 25 – Guanã I – Cep: 79330-000
Fone: (67) 3233-9236
e-mail: fmpananeira@uol.com.br
Transmissão on-line em: www.capitaldopantanal.com.br
Diretor Executivo: Heitor Rocha
Diretora: Regina de Fátima dos Santos
Gerente Comercial: João Correia

Grupo Pantanal de Comunicação

Rádio Difusora Matogrossense Ltda. (Frequência 1360 kHz)

Sociedade Rádio Globo Corumbá Ltda (960 khz)

Band FM (Frequência 94.3 MHz)

Diretor Presidente: Uriel Raghiant
Diretor Comercial: Caibar Silva Pereira
Diretor Rádio Globo Corumbá: Jonas Luna de Lima
Rua: XV de Novembro, nº 564 – Centro.
Fone: 3231-1060/3231-3345/3232-8080/32311059/Fax: 3231-4031
Cep: 79330-000

Rede MS Integração de Rádio e TV Ltda.

Organização Ivan Paes Barbosa

Rádio Cidade FM (88,5 MHz)

Rua Domongos Sahib, 16
Gerente Comercial: Edmilson Lucas Rachel
Gerente Geral: Ulysses Serra Neto
Fone: (67) 3232-8888

3.4.4 Sites de notícias

Quanto à aquisição de informação por meio virtual, Corumbá registra vantagem em relação a Puerto Quijarro e Puerto Suárez, já que a cidade brasileira possui cinco sites de notícias. Em nossa pesquisa, detectamos que há apenas dois sites que trazem informações locais das cidades bolivianas estudadas. O endereço www.elfronterizo.net, se intitula como “Diário independente de la província German Busch”, abrangendo ainda conteúdos da cidade de El Carmen Rivero Torrez. Já www.santacruzhoj.info cobre um território maior, o departamento de Santa Cruz, com espaço delimitado para as cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suárez. Basta clicar ao lado esquerdo da tela em links com o nome das cidades, e apenas notícias das mesmas são apresentadas.

Em Corumbá, o mais antigo site de notícias é o Corumbá On Line (www.corumbaonline.com.br), fundado em 2002, e o mais recente é Diário On Line

(www.diarionline.com.br), levado à rede em 2008, como braço digital do jornal Diário Corumbaense, possibilitando inclusive o acesso integral da versão impressa no formato de *virtual paper*.

Merece destaque também o site Capital do Pantanal pelo pioneirismo em implantar a primeira TV por internet da região: a All TV Pantanal, que começou a operar em setembro de 2009.

- **Corumbá (Brasil)**

Site Capital do Pantanal

www.capitaldopantanal.com.br

All TV Pantanal

www.alltvpantanal.com.br

Editora Chefe: Sylma Lima Chiarelli

Rua: Colombo nº 1.467 – Centro

Cep: 79332-020 – Corumbá - MS

Fone: 3231-5017

Publicidade

Telefone: (67) 3232-2405

Rua 13 de Junho, 1088 - Ed. Salim Kassar - Sala 202

Centro – Cep: 79300-040 - Corumbá (MS)

Site Corumbá On Line

www.corumbaonline.com.br

Diretor Financeiro: Cleber de Miranda

Diretora Administrativa: Rosania Metran

Rua Antônio João, no. 1040 - Centro

Cep: 79302-002 – Corumbá – MS

Fone: 3231-0339 / 9987-3000

Site Diário On Line

www.diarionline.com.br

Diretora: Rosana Nunes

Rua 15 de Novembro, 75 - centro

Fone: 3232-5806 e 3232-5127 ou 9987-1430

Site Cidade Branca – “Notícia do Dia a Dia Corumbaense”

www.cidadebranca.com.br

Responsável: Francisco de Barros

Site Aqui MS

www.aquims.com.br

Rua Antônio Maria Coelho nº 666, Centro, CEP 79301-000

(67)3231-5338

aquims@gmail.com

João Luiz de Paula

Programação Musical: Bruno Gouveia (músico)

Responsável: Juliana G. Gonzalez (Publicitária)

- **Puerto Quijarro e Puerto Suárez (Bolivia)**

Site El Fronterizo

www.elfronterizo.net

Santa Cruz Hoy

www.santacruzhoj.info

Corresponsal Puerto Quijarro: Lorenzo Yopez

corresponsal_pq@hotmail.com

721-81339

Corresponsal Puerto Suárez: Pablo Lobo

pablolobo_prensa@hotmail.com

710-66034

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Moldamos nosso trabalho dentro da análise do conteúdo dos textos de jornais locais produzidos na cidade de Corumbá, uma vez que a mesma produção local não é observada nas cidades fronteiriças da Bolívia.

Por isso, antes de dirigirmos questionamentos sobre a existência de uma prática de jornalismo fronteiriço, julgamos ser de relevância avaliar como as imagens desse espaço singular da fronteira e do país vizinho, Bolívia, estão sendo construídas ou reafirmadas em discursos da mídia impressa, no que tange aos jornais corumbaenses. E neste ponto se fixou nossa empreitada, afinal acreditamos que o resultado dessa análise poderá nos dar indicativos sobre uma prática jornalística que ultrapasse ou confirme o nível das afirmações de senso comum. Acreditamos contribuir, com esse passo inicial, junto ao pensamento científico sobre a temática, afinal esse terreno ainda oferece largas oportunidades de investigações acadêmicas, já que nenhum trabalho de pesquisa foi produzido, levando em consideração o jornal impresso local nessa fronteira.

Dentre as variadas formas metodológicas, optamos pela Análise do Conteúdo (AC), bastante difundida por oferecer suporte para análise de documentos escritos e não escritos a partir do agrupamento de significações. Para exemplificarmos o grande painel de utilizações da AC, citamos sua aplicação nos mais diferentes códigos ou suportes: Linguístico (oral ou escrito); icônico (sinais, grafismos, imagens, forografias, filmes dentre outros) e outros códigos semióticos (tudo o que não sendo linguístico pode ser portador de significação (música, comportamento, sinais patológicos, etc).

Essa prática vem de longa data com registros na Idade Média quando a necessidade era interpretar os textos sagrados ou misteriosos. Ao caminhar da evolução humana, temos um marco na década de 50 nos Estados Unidos, onde foi amplamente utilizada como um instrumento de análise das comunicações. Nesta época, já demonstrava traços de sistematização do que, hoje, convencionou-se chamar de Análise do Conteúdo.

Adotamos então, a proposta da professora francesa Laurence Bardin (1977) que detalha essa metodologia como uma forma flexível de análise e por isso tão utilizada em diferentes situações.

“A análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo) é um método muito empírico, dependente do tipo de ‘fala’ a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base por vezes, dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo

adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da decodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas.” (p. 30-31)

Em nosso caso, o objeto de pesquisa, jornal impresso, coloca-nos o suporte escrito de um meio de comunicação de massa. Para início da prática de pesquisa, segundo os moldes da AC, realizamos a pré-análise na qual foi preciso levantar todas as publicações jornalísticas locais de Corumbá. Adquirimos edições referentes ao mês de outubro de ano de 2009 das publicações locais já mostradas em quadro no capítulo anterior.

Entretanto, optamos por analisar apenas três delas: Diário Corumbaense, Correio de Corumbá e Folha de Corumbá (Cf. figura 12). Um dos motivos foi o fato de todas serem produzidas e impressas em gráficas próprias, e depois, devido a uma constante regularidade observada na periodicidade proposta por cada uma.



Figura 13 – Capas de algumas publicações escolhidas para a análise de nossa pesquisa.
Fotos: Livia Gaertner (2009)

Houve uma grande diferença em relação ao número de exemplares analisados já que o Diário Corumbaense circula de segunda a sexta-feira, o que gerou um total de 21 edições, enquanto que o Correio de Corumbá e a Folha de Corumbá são publicações semanais de distribuição e venda aos sábados, das quais foram coletadas 5 edições de

cada uma. Apesar dessa diferença de periodicidade, julgamos procedente não descartar esses veículos pelo fato de configurarem como os mais consumidos e com pontos de vendas e distribuição bem definidos na cidade.

A segunda etapa foi a Exploração do Material (codificação) na qual optamos por formar dois eixos temáticos para análise, cada qual com sua unidade de registro (UR), que segundo a AC, corresponde ao menor recorte semântico que se liberta do texto. O primeiro eixo abrangeu a palavra fronteira e suas formas adjetivas fronteiro(s), fronteira(s); já o segundo, tratou da palavra Bolívia e das derivações adjetivadas boliviano(s) e boliviana(s).

Cada exemplar foi lido buscando a presença dessas palavras e, principalmente, a semântica que as preenchia dentro do texto jornalístico a qual estavam inseridas, pois não bastou apenas quantificar suas ocorrências, mas uma leitura de significados em coerência com o contexto registrado no texto impresso. Ou seja, um trabalho que formou uma base de dados quantitativa para, posteriormente, analisar aspectos qualitativos.

Passamos então, a categorizar as unidades de registro, dentro de três manifestações: as que possuem ligação direta com referências positivas (+); as que se associam a informações negativas (-); e aquelas que apenas trazem uma delimitação geográfica, ou seja, uma fronteira, uma Bolívia que servem exclusivamente para delimitar localização. Nestas ocorrências, utilizamos a letra (L) para os registros encontrados.

Essas ocorrências categorizadas foram ainda distribuídas, conforme a editoria da notícia publicada (Capa, Cidade, Coluna, Cultura, Economia, Editorial, Educação, Geral, Ladário, Nota, Polícia, Política, Saúde, Segurança, Social) como forma de verificar em quais assuntos, as temáticas da fronteira e do país vizinho surgem com maior recorrência. Ressaltamos que inserimos “Capa” como editoria, apenas como forma de dinamizar o trabalho de contabilizar registros que foram estampados nas primeiras páginas das publicações analisadas. O mesmo procedimento foi adotado com as seções de Editorial, Coluna e Notas que aparecem no conteúdo interno dos jornais. Afinal a editoria, segundo o Manual de Redação do jornal Folha de São Paulo (2003), é a “unidade organizacional básica da Redação, responsável pela produção e pela edição de material noticioso de um determinado campo temático” (p.112). Entre as clássicas editorias temos: Política, Polícia, Saúde, Cidade, Nacional, Internacional, Cultura, Economia, e demais outras. Cada jornal define tantas editorias julgar necessário e também as adéqua conforme os interesses do público a qual se dirige. Em nossa pesquisa, por exemplo, nos deparamos com uma

editoria específica para a cidade de Ladário no jornal Diário Corumbaense, e nela foram agregados todos os temas que eram produzidos naquele município.

Aliás, optamos por começar essa segmentação de editorias das notícias com a presença de unidades de registros (palavras) fronteira, Bolívia e suas variáveis encontradas nas edições do Diário Corumbaense, devido ao fato de ser a única das publicações estudadas que traziam explícitas suas editorias. Assim, buscamos, na leitura dos jornais Correio de Corumbá a Folha de Corumbá, organizar as notícias deles selecionadas nestas mesmas editorias. Entretanto, quando necessário, abrimos novas editorias em nossa tabela de análise. Expomos a seguir uma tabela que define as temáticas de cada editoria encontrada.

Tabela 2 – Assuntos organizados conforme editorias encontradas durante a pesquisa

EDITORIA	ASSUNTOS
Capa	tradicionalmente, não é classificada como uma editoria, mas neste trabalho, a categorizamos para agrupar registros que tiveram destaques nas primeiras páginas das edições estudadas
Cidade	reúne as notícias de interesse da cidade de Corumbá
Coluna	espaço reservado para textos opinativos de jornalistas, especialistas ou convidados que tenham um comentário ou uma opinião relevante a expressar. O que diferecia a coluna dos artigos, é que a coluna possui uma regularidade temporal de publicação (todo dia, todo semana, por exemplo) com textos assinados pelo mesmo autor e em espaço fixo dentro do jornal
Cultura	acontecimentos culturais de maior relevo da sociedade (música, cinema, literatura, artes plásticas, etc)
Economia	notícias relacionadas com as atividades produtivas da região
Editorial	textos de um jornal em que o conteúdo expressa a opinião da empresa, da direção ou da equipe de redação, sem a obrigação de ter alguma imparcialidade ou objetividade
Educação	temas educacionais, pedagógicos e educativos, calendários de provas de acesso universitário
Geral	assuntos diversos, como acidentes, cataclismas, intempéries, tragédias
Ladário	toda e qualquer temática que verse sobre o município de Ladário
Nota	notícia curta sobre algum acontecimento do qual apenas o lead (composição textual com informações básicas) basta para defini-la
Polícia	acontecimentos relacionados a crimes
Política	reúne acontecimentos sobre as instâncias do Governo Executivo e Legislativo da cidade, além de movimentações de ações de partidos
Saúde	fatos relacionados a questões de atendimento e programas públicos de saúde, bem como informativos sobre enfermidades
Segurança	ações de proteção civil
Social	notas e comentários sobre vida em sociedade, geralmente sobre indivíduos de alto poder aquisitivo e celebridades públicas

Com a obtenção dos dados, procedeu-se o tratamento e apresentação dos resultados que detalharemos no próximo item.

5 ANÁLISE DOS TEXTOS SELECIONADOS

Associando o número de ocorrência das unidades de registro Fronteira/Bolívia e suas variáveis, ao caráter de valor (positivo, negativo e localidade) produzimos uma tabela em que pudéssemos inserir todas elas. Pinçamos de cada publicação: o nome do jornal, a edição e data, editoria/manchete e trecho, conforme material que pode ser conferido na íntegra nos textos anexos.

A partir dessa estrutura, chegamos a dados quanti-qualitativos com os quais produzimos um gráfico, levando em consideração, preliminarmente, apenas os caracteres de valor.

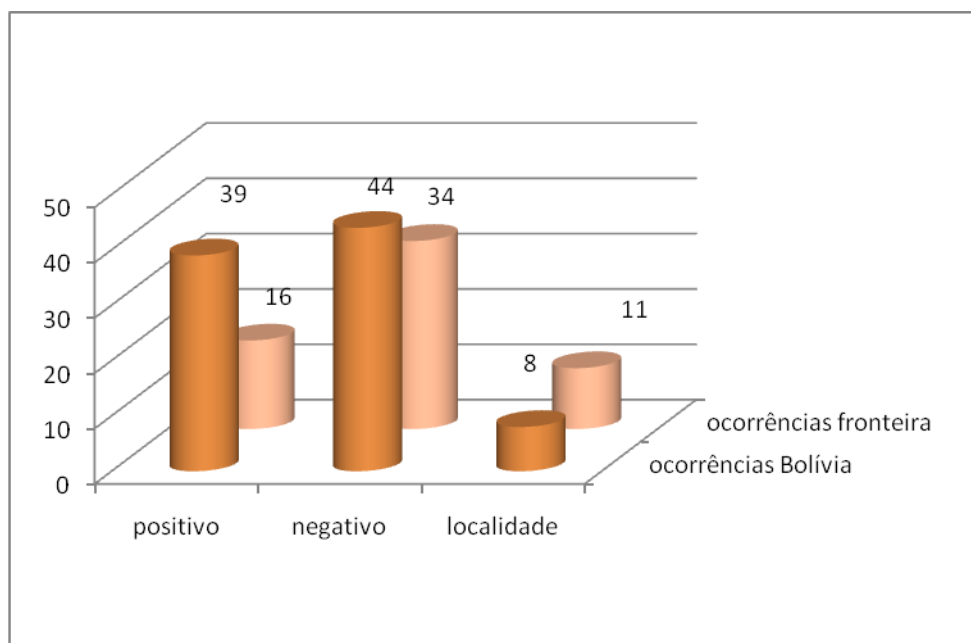


Gráfico 1 – Ocorrência de UR Bolívia/Fronteira e derivações, conforme categorias de valor

Interpretando o gráfico 1, podemos perceber que as ocorrências para a palavra fronteira, são menores, na leitura global, em comparação com a unidade de registro Bolívia. Porém, fica bem marcada a associação da fronteira com temáticas negativas, pois o número de ocorrências de assuntos que elencaram esta unidade de registro com assuntos positivos (16) foi menor que 50% daquelas registradas em textos com teor negativo (34). Por sua vez, a palavra fronteira frente à palavra Bolívia superou registros quando a intenção dos textos foi apenas delimitar um espaço.

Quando voltamos nossa análise para a palavra Bolívia, observamos que as ocorrências ficaram, praticamente, equiparadas entre registros com carga positiva e

Negativa, 39 e 44, respectivamente. Uma diferença pontual de apenas cinco ocorrências entre semânticas positivas e negativas.

Poderíamos afirmar então que, com esses resultados, os textos jornalísticos de produções locais de Corumbá estão produzindo um discurso equilibrado do país vizinho frente a esses pólos? Foi então, que a decisão de distribuir as ocorrências, conforme a editoria deixou trazer à tona outra configuração que se seguirá nos tópicos seguintes.

5.1 Referências positivas

Consideramos neste trabalho por *referências positivas* todas as expressões fronteira/Bolívia e suas respectivas adjetivações que adquirem carga semântica de interação, ou seja, um sentido agregador e, em muitas vezes, uma somatória de valores no intuito de integrar as cidades de Corumbá, Ladário, Puerto Soarez e Puerto Quijarro, enquanto inseridas dentro de uma *zona de fronteira*. Há nessas expressões uma positivação ao sentimento de pertença desta localidade tão particular que é a fronteira.

Também foram inseridos nessa categoria, os textos que divulgaram potencialidades e/ou atrativos com ligação direta a cada unidade de registro selecionada, bem como ações de cooperação, que expuseram a prática da ajuda mútua entre habitantes das localidades Bolívia e fronteira com o Brasil. Foram ainda consideradas textos que atribuíram características de prestígio à Bolívia.

Na edição 2439, do jornal Correio de Corumbá, data de 24 a 30 de outubro de 2009, há um raro registro explícito de uma convivência de povos dessas cidades de fronteira, inclusive chegando a usar a expressão “*hermanos*”, ao se referir à comunidade boliviana como maneira de reforçar laços de amizade. O convite trata de evento preparatório para uma das maiores festas culturais de Corumbá, o carnaval, na qual há a participação, seja como folião ou espectador, de uma grande parte dos bolivianos que residem em Corumbá ou no outro lado da fronteira.

Imperdível promoção de churrasco na quadra da escola de samba Caprichosos de Corumbá

Amanhã, domingo, dia 25 de outubro, a partir das 11 horas, os corumbaenses, ladarenses e hermanos bolivianos terão a oportunidade de saborearem um suculento churrasco completo

Ainda com o propósito de apresentar um somatório de valores, destacamos a notícia de um evento cultural em que a identidade fronteiriça, que expomos em nosso discurso, ainda pouco defendida nessa região, ganha a cena, inclusive sendo evidenciada em manchete. Publicada no jornal Folha de Corumbá, edição 1013, de 17 de outubro de 2009, a informação também pautou a coluna social da mesma edição, assinada pelo colunista Alfredo Sartory.

Feira no Moinho Cultural integra cultura fronteiriça

A Feira reúne artesãos e músicos de Corumbá e da Bolívia (...) A programação inclui apresentações do Trio Fronteiriço (Bolívia) e do cantor corumbaense Franklin Melo (...) serão instaladas 16 barracas com artesanatos e comidas típicas de Corumbá e da Bolívia, de onde participa a Colônia de Pescadores de Puerto Suárez

Além dessa, numa das poucas manifestações apresentadas nos textos jornalísticos, encontramos um discurso de compartilhamento daquilo que aproxima os brasileiros dos bolivianos. Na fala do artista plástico corumbaense Daltro, a preocupação em não traçar linhas divisórias num ecossistema (Pantanal) do qual tanto brasileiros como bolivianos se orgulham. O depoimento foi retirado da edição 613, de 16 de outubro de 2009, pertencente ao jornal Diário Corumbaense.

Exposição vai unir música e artes plásticas para retratar Pantanal

(...) Esta é a segunda exposição desta forma, a primeira foi em 2005 na Bahia, quando também representei o Pantanal boliviano.(...) Independente de ser brasileiro ou boliviano, o Pantanal é único, é isso que representamos a beleza dos animais, dos canoieiros, dos camalotes, do Pantanal como um ecossistema sem fronteiras', disse Daltro. (...)”.

Foram registros como esses que fizeram da editoria Cultura, a grande responsável por colocar as unidades de registro (Bolívia e fronteira) como referenciais positivos, conforme o gráfico 2 exposto a seguir.

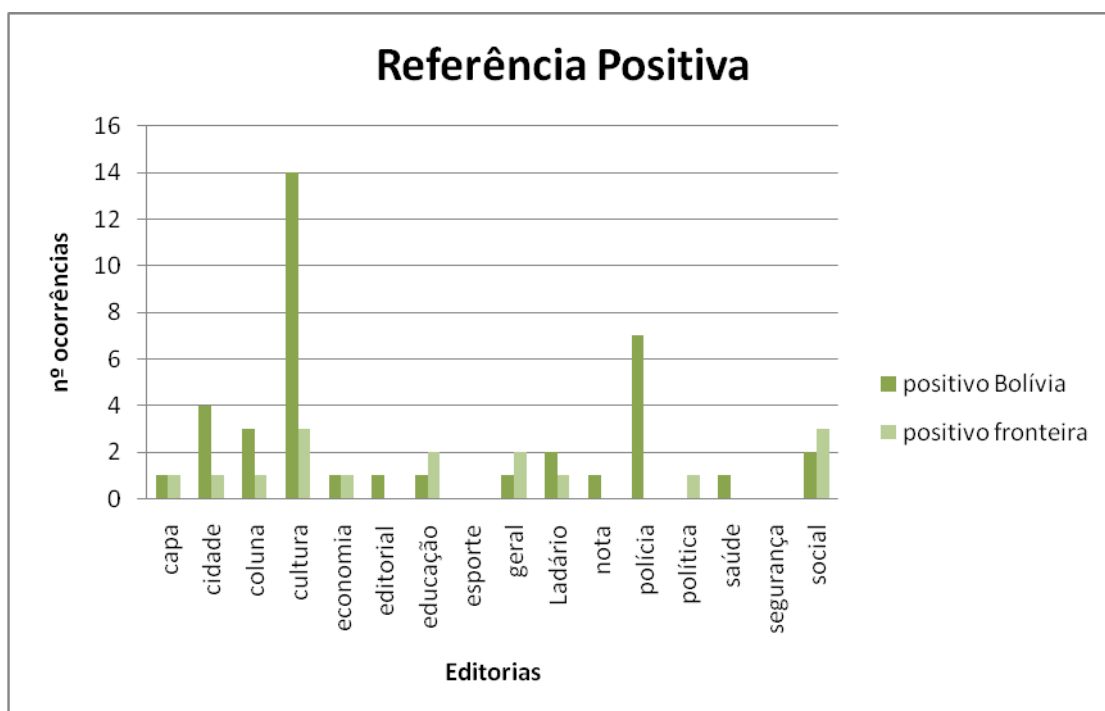


Gráfico 2 – Referências positivas para Bolívia e fronteira de acordo com editorias de jornais locais de Corumbá

O gráfico 2 aponta a editoria Polícia, com sete ocorrências positivas para Bolívia e variações (bolivianos, bolivianas). Fato que contribuiu para isso foi encontrar em várias publicações, a ação da polícia boliviana na captura de um bando de assaltantes que agiam em território corumbaense e se refugiavam em terras bolivianas. Caso essa ação não tivesse ocorrido, a editoria estaria em um nível bem baixo de ocorrências de unidas de registro com semântica positiva.

Já a editoria Economia que, inicialmente, pensamos ser uma das mais corriqueiras dentro de registros positivos, apareceu poucas vezes, com destaque para a notícia que falava sobre investimento milionário para a ampliação de armazéns alfandegados na cidade de Corumbá.

5.2 Referências negativas

Para inserir as unidades de registro pesquisadas dentro desta categoria, levou-se em consideração os contextos carregados de discursos que reforçam o caráter de barreira, de defesa ou de exclusão. Também associou-se a essa categoria as informações que atribuem atos criminosos e ilícitos ao território da fronteira e à Bolívia.

Numa manifestação do discurso segregador, que consideramos negativo dentro de nossa pesquisa, destacamos o conteúdo de um texto publicado no jornal Correio de Corumbá, edição 2436, de 03 a 09 de outubro de 2009, cujo teor, enfatiza a presença do cidadão boliviano como uma problemática. Ao solicitar a contratação de mais um médico legista para a cidade, um vereador corumbaense utiliza a justificativa de uma crescente populacional na cidade, lembrando que a mesma atende também a cidade de Ladário, mas ao se referenciar ao país vizinho o tom muda muito sutilmente.

Vereador Machado quer mais um médico-legista para Corumbá

“Corumbá tem aproximadamente 100 mil habitantes ou mais, somados à população de Ladário e pantaneiros, ultrapassa o 120 mil moradores nesta região, sem contar com os bolivianos que são atendidos aqui também, mas somente conta com apenas dois médicos legistas, sendo que um se encontra de licença médica para tratamento de saúde por tempo indeterminado”.

Numa leitura menos criteriosa, poderia se aferir um caráter positivo a UR bolivianos, ao considerar que o sistema de saúde da cidade de Corumbá atende essas pessoas, porém não é isso que deixa evidenciar a construção do discurso com o uso da expressão “sem contar com”, que agrega uma semântica de uma adição indesejada.

Já na edição 1014, do jornal Folha de Corumbá, com data de 24 de outubro de 2009, a UR bolivianos ganha destaque em manchete, porém com ênfase extremamente negativada: “Bolivianos estão na mira dos fiscais”. Ao buscar um título para o texto que falava sobre a fiscalização de taxistas bolivianos que atuam irregularmente dentro do território brasileiro, a construção deixa de lado a sutileza e escancara a presença dos bolivianos, outra vez mais, como algo nocivo e que precisa ser combatido.

A mesma notícia ganhou destaque numa matéria que ocupou página inteira do jornal Diário Corumbaense (618, de 23 de outubro de 2009) em que foi reproduzida a fala da diretora-presidente da Agetrat (Agência Municipal de Transporte e Trânsito de Corumbá). “O nosso taxista não entra na Bolívia e o de lá não deve entrar aqui”.

A Bolívia também apareceu como um território propício para práticas criminosas, com altas ocorrências na editoria policial da qual extraímos duas manchetes. A primeira deixa claro que o imaginário coletivo caminha em direção à Bolívia quando a intenção é praticar algum crime. Na edição 605, do Diário Corumbaense, de 05 de outubro de 2009, a manchete não podia ser mais contundente: “Sogra ameaça sumir com genro na Bolívia”.

Neste mesmo jornal, no dia 07, um dia apenas de intervalo entre a edição acima analisada, a palavra Bolívia surge em uma das manchetes da capa, reforçando essa associação negativa com a divulgação de um crime, de fato, ocorrido: “Brasileiro é assassinado na Bolívia”.

Até mesmo quando o cenário formado leva a referências positivas em relação ao país vizinho, os jornais corumbaenses parecem demonstrar resistência em enfatizá-las. No editorial do Folha de Corumbá, edição 1015, de 31 de outubro de 2009, o trabalho da polícia boliviana, que prendeu uma quadrilha que cometia assaltos em Corumbá, quando os bandidos comemoravam o ato criminoso em um bar da cidade boliviana de Puerto Quijarro, foi o “gancho” (pretexto) para o texto. Entretanto, não durou muito para que essa visão positiva fosse freada, já no terceiro parágrafo e nos demais que se seguiram (sete) o que se leu foi a repetição de um discurso propagado pela mídia nacional ao rotular a fronteira como uma rota de contrabando de armas para grandes centros urbanos brasileiros. Como o editorial é a única parte opinativa de um jornal, seria o momento para se propor uma discussão de parcerias entre órgãos de repressão à criminalidade em conjunto, já que o fato (prisão no território boliviano) mostrou-se possível.

O gráfico 3 apresenta as referências negativas para a Bolívia e fronteira.

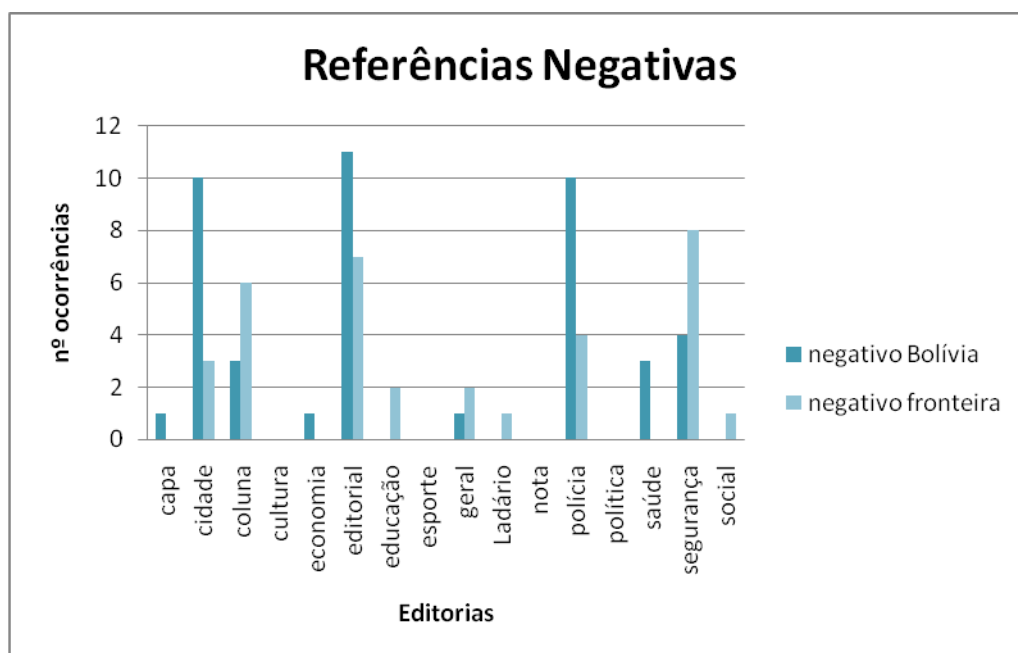


Gráfico 3 – Referências negativas para Bolívia e fronteira de acordo com editorias de jornais locais de Corumbá

Observando o gráfico 3 das unidades de registro em relação às categorias e editoriais, os maiores índices de ocorrência ficam marcados em: editorial, segurança, polícia e cidade.

Vale destacar que, caso optássemos por classificar as temáticas dos textos editoriais, teríamos como resultado a predominância de assuntos relacionados à segurança. Afinal dos cinco editoriais pesquisados por conterem as unidades de referência estudadas, três tratavam negativamente de segurança e dois de questões econômicas.

O gráfico evidenciou o que povoa o imaginário e o discurso do senso comum sobre a imagem da fronteira e do país Bolívia pelos brasileiros. Afinal, frequentemente, ler sobre conteúdos negativos vai, aos poucos, incutindo um molde dificilmente de ser novamente redesenhado sob a ótica de pontos positivos. E o pior, gerando inclusive preconceitos como o exposto na construção textual da coluna trazida pelo jornal Correio de Corumbá na edição 2440, de 31 de outubro a 10 de novembro de 2009. Ao debater a temática da segurança em áreas de fronteira, o autor Êneo Nóbrega afirma: “A fronteira com o país chamado de Bolívia (...)” e deixa escapar, ainda que de maneira sutil, um sentimento de desdém em relação a toda uma nação ao usar a construção ‘país chamado de’. Afinal, a conjuntura mundial e, até mesmo pelo fato de estar em proximidade com a Bolívia, não o torna um país tão desconhecido, ao menos em limites geográficos, dos corumbaenses, público-alvo do jornal.

5.3 Referências de Localidade

Agrupamos como referências de localidade as UR's fronteira/Bolívia e suas varáveis quando estas foram utilizadas apenas como uma marca territorial, diferenciando dentro do corpo textual de outras regiões ou também quando estas apareciam agregadas a nomes próprios de entidades e instituições. Destacamos dois destes registros como forma de exemplificação.

Na edição 2437, de 10 a 16 de outubro de 2009, do jornal Correio de Corumbá, tanto a palavra fronteira como a palavra Bolívia aparecem como referências de local ao descrever a extensão territorial de Corumbá.

Machado pede mais efetivo para a Polícia Federal

Corumbá é um dos maiores municípios do país em extensão com mais de 64 mil Km², localizado dentro do Pantanal e fronteira com a Bolívia e o Paraguai

Já no jornal Diário Corumbaense de 07 de outubro de 2009, edição 607, a notícia é sobre um evento esportivo promovido por instituições militares locais. Neste caso, a unidade de registro fronteira é substantivada dentro de um nome próprio.

Continuam abertas inscrições para 16ª edição da Travessia do Rio Paraguai

A travessia conta sempre com o apoio do Corpo de Bombeiros da cidade, Polícia Ambiental, 17º Batalhão de Fronteira e da Marinha de Ladário

O gráfico 4 destaca o número de ocorrências com semântica de Localidade, separadas por editoriais

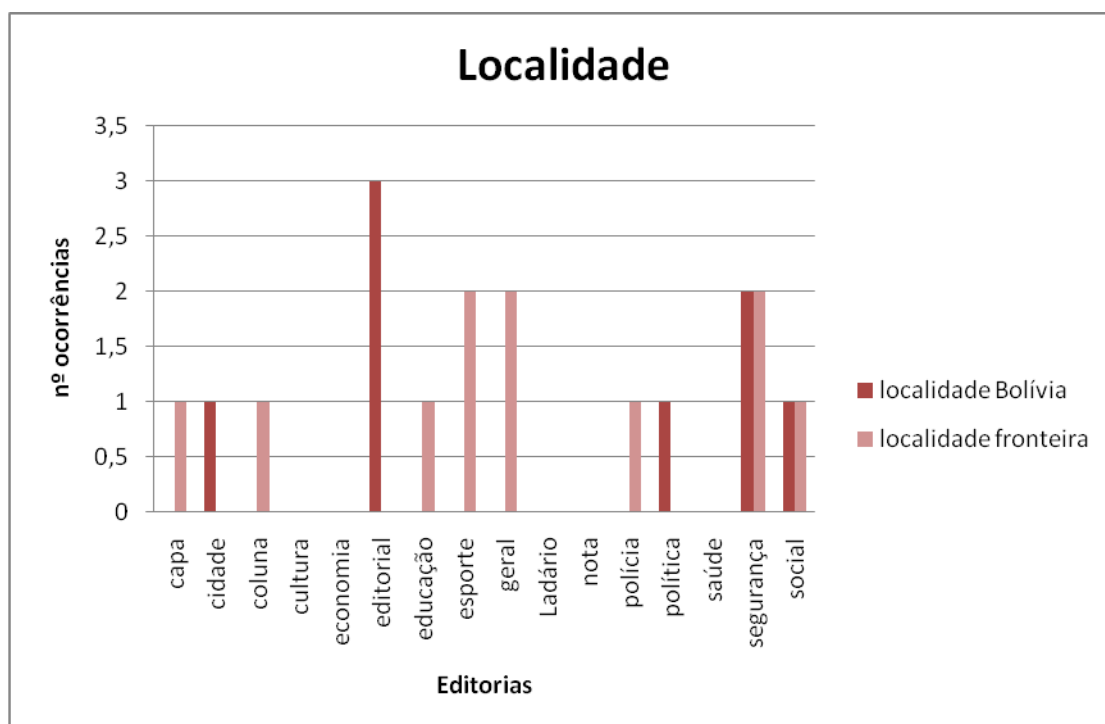


Gráfico 4 – Referências de localidade para Bolívia e fronteira de acordo com editoriais de jornais locais de Corumbá

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região escolhida para nossa pesquisa, fronteira Brasil (Corumbá)/Bolívia (Puerto Quijarro e Puerto Suárez), apesar de antiga historicamente, ainda apresenta uma deficiência em termos de produção acadêmica que a revele pelo olhar crítico da Ciência.

O fato de explorarmos um assunto pouco observado e discutido como o conteúdo jornalístico dos periódicos locais na fronteira em questão, e por conseguinte, alguns aspectos da prática e das formas de relacionamento entre os profissionais da comunicação do Brasil e da Bolívia, deixou-nos a sensação de que há muito a se fazer nesta área. Vislumbramos ainda uma longa jornada com vistas a uma interação, realmente condizente com o significado da palavra.

Partindo de nossa proposta que foi analisar aspectos da comunicação impressa local, fomos adquirindo e adequando conceitos com bases em leituras, observações e entrevistas. Subsídios que foram trazendo à tona características peculiares desta localidade, nem sempre compreendida num olhar imediato. Informações essas, que serviram para a formação e sedimentação de argumentos que exporemos a seguir.

Quanto à hipótese primeira de que há uma tendência dos jornais locais de Corumbá a seguirem um discurso nacional, de que a fronteira é um lugar de permissividade a ilícitos e à criminalidade em geral, a metodologia adotada da Análise do Conteúdo mostrou-se eficiente em comprová-la. Afinal, registros negativos se sobressaíram em editorias de polícia, segurança, cidade. Outro dado que também se comportou com alto índice para registros de carga semântica negativa (e este nos surpreendeu) foi a seção editorial, demonstrando que essa tendência vai além dos registros factuais de notícias de criminalidade e ações de segurança pública. Afinal, é sabido que o editorial é o único espaço em que o lado opinativo do jornalista ou da empresa é apresentado ao leitor. Ou seja, haveria, ano menos aqui, a chance da promoção de conteúdos que não ocultassem os problemas, mas que os discutissem sobre outros prismas, já que uma das características do profissional que atua no jornalismo de fronteira, é ter uma capacidade de discernimento sobre os aspectos que regem a área dos dois países em junção. Essa postura edifica uma inclinação desses veículos, que são produzidos e comercializados para um público específico: o brasileiro, ao afastamento do que está ligado ao outro lado do limite geográfico.

A segunda hipótese vem arrolada na confirmação da primeira. Enquanto predominarem conteúdos com teor negativo sobre a fronteira e a Bolívia, dificilmente, os

jornais locais de Corumbá contribuirão para a formação de uma identidade fronteiriça. Aliás, concluímos que a identidade fronteiriça é uma manifestação simbólica que está bem distante de quem vive nessas localidades. O fato de nascer ou morar em uma dessas cidades não é o suficiente para formar um sentimento de pertença, ele não é automático e nato. Sua constituição surge das variadas formas e escalas de interação do eu com um espaço social. Nesse âmbito, o texto jornalístico pode contribuir e muito, já que sabemos da grande dimensão simbólica que esses escritos proporcionam ao afirmar ideologias.

A terceira hipótese aventada foi a de que, haveria algum nível de contato, mesmo que não tão frequente, entre profissionais e empresas de comunicação, já que atuam, por vezes, em pautas de interesses comuns. Neste ponto, nossa hipótese foi além do que realmente se comprovou, pois não podemos afirmar que ele existe. Tanto representantes de organizações profissionais (sindicatos) do Brasil e da Bolívia foram categóricos em expor uma larga distância. Os discursos ainda se assemelharam ao pontuarem a importância de uma aproximação e convivência entre profissionais brasileiros e bolivianos, entretanto ambos se demonstram inertes a uma atração que deveria ser natural, se não pela localização geográfica, mas pela forma de desenvolver as atividades diárias da profissão numa área completamente diferente da existente no restante dos territórios de ambos os países. O que permearia esse afastamento? Acomodação, receio, desinteresse?

Apesar das dificuldades observadas e relatadas por empresários e profissionais, não nos intimidamos em afirmar que esta é uma das fronteiras mais bem amparadas, dentro de um prisma geral, em relação à presença de veículos de comunicação. E isso ficou evidenciado com a confecção de uma listagem das empresas que atuam na localidade. Rádios, televisões, sites de notícias e jornais, formando uma incrível malha de cobertura que só podem sobreviver, acima de tudo, devido ao fato de fronteira gerar cotidianamente um grande volume de fatos com potencial jornalístico.

A análise de dados levantados com a metodologia adotada ainda apontou subsídios para a elaboração de uma proposta que utiliza o jornal como meio de construção de uma dimensão simbólica do espaço coabitado pela população dos dois países envolvidos em nosso estudo.

Ao lembrar que, no tratamento dos dados obtidos dessas leituras, chegamos ao resultado que evidenciou várias ocorrências de caráter positivo para as unidades de registro (palavras) fronteira/Bolívia na editoria cultura, postulamos que esse tema seja o mais aceitável para o começo de uma formação do discurso de integração.

Se o cotidiano, o que nas redações convenciamos chamar de factual, com suas editorias policiais, de segurança e cidades encarrega-se da semântica negativa para essas unidades de registro, a ideia é partir para outras formas de textos, estruturas mais densas como reportagens, que cumpram, nesse primeiro momento, uma função didática, de apresentação do seu vizinho.

Será na apresentação da diversidade cultural de uma região tão própria como a fronteira estudada que poderemos organizar novos significados, construir/reforçar elementos em bases sedimentadoras com conteúdos simbólicos, que vão estabelecer redes de coesão social como vias de políticas públicas de desenvolvimento local.

E isso não é muito difícil se considerarmos a experiência que o jornal Diário Corumbaense teve com relação ao Festival América do Sul, evento que completará este ano sete edições, reunindo cultura e artes dos povos sul-americanos em Corumbá. A iniciativa de produzir, a partir de 2007, jornais com temáticas focadas nas atividades culturais do evento com textos bilíngües (Português/Espanhol) foi aprovada por todos aqueles que adquiriram exemplares. Os textos emitiram um teor de exaltação a uma identidade em comum dos povos participantes do evento, e mostraram uma comunhão possível e, diria até imediata mediada pelo viés cultural. A atitude provou que a cultura “abre as portas” para uma aproximação.

A ausência de maquinário impede a produção diária de jornais em Puerto Quijarro e Puerto Suárez. Entretanto, em Corumbá, registramos ao menos quatro publicações com gráficas próprias. Enquanto os profissionais brasileiros se esforçam para fazer compreender temas e conjunturas da Bolívia, por sua vez, os bolivianos, também tentam suprir essa necessidade. O que falta aqui é um encaixe, uma adequação de interesses mútuos e, com certeza, a cultura será a temática que mediará um novo veículo promissor, voltado para uma população específica de fronteira.

Poder colocar lado a lado profissionais comprometidos com a formação e a valorização da fronteira, num empreendimento de comunicação, mostrará a força que ela tem, pois este será o reflexo autêntico de sua gente. É o que já fazem, timidamente, as rádios em território boliviano que, independente da nacionalidade e da língua diferente, abrem campo de trabalho para locutores brasileiros como o exposto nas observações do item 3.4.3 desta pesquisa.

Dar um suporte mais duradouro, com possibilidade de um pronto registro frente à volatilidade das palavras do rádio e o fluxo frenético de imagens da televisão, é papel para

o impresso, para uma publicação que possa transitar e dizer a respeito daqueles que realmente sabem e enxergam a fronteira como parte constituinte do dia-a-dia. Um discurso que desfaça os equívocos daqueles que centram foco apenas no sensacionalismo fronteiriço das práticas ilícitas como contrabando, tráfico e prostituição.

Aqui, a função dos jornalistas seria tão relevante como a dos cartógrafos que definiram, em mapas, os limites entre as nações. Os profissionais da notícia ajudariam a redesenhar cotidianamente esses limites geográficos, numa escala que alargaria ou estreitaria essa relação com o propósito de fomentar a figura do “ser fronteiriço”. Pois assim como a força simbólica atribuída aos riscos nos mapas, não é possível negar que o discurso midiático possui grande influência nas representações sociais.

A pergunta que fica ao encerrar essa pesquisa é: “quem dará o primeiro passo rumo a esse tão necessário diálogo?”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BOLÍVIA. *Nueva Constitución Política del Estado*. Disponível em <www.presidencia.gob.bo/download/constitucion.pdf>. Acesso em 17 de outubro de 2008.

CAMPONEZ, Carlos. *Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional*. Coimbra: Minerva, 2002.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1999. p. 13-41

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade - a era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol.2. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CORUMBÁ. Lei Complementar nº. 098, de 09 de outubro de 2006. Dispõe sobre a instituição do Plano Diretor do Município de Corumbá. Corumbá: Prefeitura Municipal de Corumbá, 2006.

COSTA, Edgar Aparecido da; SILVA, Giane Aparecida Moura da; Oliveira, Marco Aurélio Machado de (orgs). *Despertar para a fronteira*. Série Fronteiras nº 1. Campo Grande: UFMS, 2009.

DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (orgs). *Redes, sociedades e territórios*. 2ª ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO: *Manual da Redação*. São Paulo: Publifolha, 2003.

FADUL, Ana Maria. *Comunicação e sociedade*. São Paulo: Ática, 1998.

GALEANO, Roberto Domingues. *Transportes de commodities do agronegócio e de minerais na fronteira Brasil-Bolívia: um estudo sobre a estrutura portuária em Corumbá, Ladário e Puerto Quijarro*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=32762>. Acesso em: 28 de junho de 2009.

GOMES, M. C. *Cultura e Identidade: Reflexões sobre uma nova questão social na política mundial*. Em: Debate - PUCRJ. Online, vol. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br>>. (p. 1 - 9).

GUZMÁN, Marco Troncoso. *Autonomía Departamental en Bolivia*. Disponível em: <<http://www.monografias.com/trabajos37/autonomias-departamentales/autonomias-departamentales.shtml>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2009.

JORGE, José Guilherme de Araújo. *O Canto da Terra*. Rio de Janeiro: Casa Vecchi, 1945

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 2003.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da Informática*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2004, 13ª. Edição.

MACAHDÓ, Lia Osório; STEIMAN, Rebeca. *Limites e Fronteiras Internacionais: uma discussão histórico-geográfica*. Apostila da disciplina Gestão do Território Fronteiriço, ministrada pelo professor Dr. Edgar Aparecido da Costa, no Mestrado em Estudos Fronteiriços, no primeiro semestre de 2008, no Campus do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

MCCHESENEY, W. Robert. *Mídia global neoliberalismo e imperialismo. Por uma outra comunicação*. São Paulo: Atlas. 2001.

MESA, José de; GISBERT, Teresa; GISBERT, Carlos D. Mesa. *Historia de Bolivia*. La PAZ: Editorial Gisbert, 2007.

MICHAELIS – Dicionário Escolar Espanhol. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

MINIDICIONÁRIO AURÉLIO: o dicionário da Língua Portuguesa. Curitiba: Editora Positivo. 7ª Edição, 2008.

MÜLLER, Karla Maria. *Mídia e fronteira – Jornais locais em Uruguaiana-Livres e Livramento-Rivera*. Tese de doutorado defendida na Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos). São Leopoldo, 2003.

NASSIF, Luís. *O jornalismo dos anos 90*. São Paulo: Futura, 2003.

NETO, Antônio Firmino de Oliveira. *A Origem do Território: A Consituição do Território na Histórica Relação entre Homem e Natureza*. In: COSTA, Edgar Aparecido; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. (Org.) *Seminários de Estudos Fronteiriços*. Campo Grande: Editora UFMS, 2009. p. 45-59

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado. *Os elos da integração: o exemplo da fronteira Brasil-Bolívia*. In: COSTA, Edgar Aparecido; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. (Org.) *Seminários de Estudos Fronteiriços*. Campo Grande: Editora UFMS, 2009. p. 25-44

OTA, Daniela. *Produção jornalística de fronteira*. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Santa Catarina. V.3, n.2, 2º semestre de 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/issue/view/334/showToc>>. Acesso em: 28 de junho de 2008.

_____, Daniela; LINHARES, Gladis. *Jornalismo local nas fronteiras do Brasil, Paraguai e Bolívia*. In: I Colóquio Transfronteiriço Sul de Ciências da Comunicação: Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. 2004, Porto Alegre. Disponível em <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br:8081/bitstream/1904/17245/1/R1181-1.pdf>>.

Acesso em 18 de julho de 2008.

SANT'ANNA, Lourival. *O destino do Jornal: a Folha de S. Paulo, o Globo e o Estado de S. Paulo na sociedade da informação*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento crítico à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SOARES, Marcelo Vicente Cancio. *Território Televisivo: estudo da televisão e do telejornalismo na fronteira do Brasil com o Paraguai*. Tese de doutorado defendido na Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

VERON, Eliseo. *A análise do contrato de leitura: um novo método para os estudos do posicionamento de suportes impressos*. Paris, IREP, 1983.

ANEXOS

Sedes de alguns jornais corumbaenses



Imagens de algumas rádios bolivianas



Alguns jornais bolivianos citados na pesquisa



Carta dos municípios da fronteira pantaneira aos Presidentes Lula e Evo Morales

Senhores Presidentes,

O mundo tem exigido dos Chefes de Estado cada vez mais habilidade política e administrativa para vencer os obstáculos de gestão próprios a uma economia globalizada, sobremaneira na atualidade. Sabemos que parte da problemática com que se depara a sociedade global passa por ações integracionistas iniciadas de forma mais sistemática a partir da Segunda Grande Guerra com a criação do BENELUX, embrião do atual megabloco União Européia.

Na América do Sul, em consonância à tendência mundial, os Estados Nacionais também deflagraram construções integracionistas de âmbito macro, a exemplo do Mercosul. Sabemos que o processo de integração sul-americana é algo complexo e requer uma temporalidade própria ao fazer diplomático que nem sempre corresponde aos anseios das sociedades regionais, seja pela competitividade das economias que se encontram em estágios diferenciados de desenvolvimento; seja pelas diferenças de regimes fiscais e tributários; etc. Sabemos, enfim, que a integração é um processo naturalmente lento face ao jogo de interesses difusos não somente das sociedades envolvidas como também pela influência dos agentes econômicos locais e mundiais presentes em cada territorialidade de integração.

Queremos tomar licença para lembrá-los, entretanto, como Vossas Excelências sabem melhor do que qualquer um dos funcionários que os assessoram, de que os pequenos problemas que afligem as comunidades fronteiriças não podem esperar pela conclusão dos tratados internacionais em andamento, nem pelas intermináveis discussões promovidas pela diplomacia. A visão que se tem do alto das grandes questões nacionais ignora a vida real das comunidades fronteiriças que, entretanto, vão driblando os empecilhos da dissonância normativa entre os países e resolvendo os problemas concretos com base na solidariedade e no diálogo permanente. É essa visão particular de cada micro-região da fronteira que queremos ver incorporada nos planos e programas nacionais, com a perspectiva de integração da gestão federal, estadual e municipal, o que implica a designação de uma só autoridade coordenadora em cada país, que se responsabilize por adequar as grandes linhas da ação dos governos centrais com as iniciativas necessárias à solução dos problemas comunitários concretos e peculiares de cada micro-região fronteiriça, como é caso desta região definida geograficamente pela majestosa presença do pantanal.

No âmbito da Região Fronteiriça Pantaneira Brasil-Bolívia, os municípios de Corumbá e Ladário, no Mato Grosso do Sul, Brasil, assim como os seus pares Puerto Quijarro e Puerto Suarez na Província de German Bush, Bolívia, unidos pela labuta cotidiana e solidária para resolver toda sorte de problemas que lhes são comuns, vêm nesta oportuna oportunidade auspiciosa apresentar seus cumprimentos a Vossas Excelências e sobretudo expressar a grande esperança destas comunidades no desenvolvimento harmônico, integrado e sustentável dessa Região Fronteiriça Pantaneira Brasil-Bolívia, amparados na iniciativa de integração sul-americana levada a termos pelos excelentíssimos presidentes e

cuja sensibilidade para os problemas de seus povos é notória.

Face ao exposto, permitam-nos Vossas Excelências apontar algumas questões estruturais que entendemos comprometer a efetividade das políticas públicas na Faixa de Fronteiras e, por conseqüência, atravancam o Desenvolvimento Local Integrado.

1 - QUESTÕES ESTRUTURAIS.

Os modelos adotados para as políticas públicas brasileiras, especialmente nas áreas de Segurança, Saúde, Educação, Assistência e Desenvolvimento não funcionam eficazmente na Faixa de Fronteiras, marcadamente nas cidades-gêmeas e naquelas que são corredores dos fluxos migratórios, porque as políticas públicas nacionais não levam em conta as demandas das populações dos países vizinhos;

O Governo Central e os Governos Regionais, via de regra, precisam visualizar e direcionar um tratamento diferenciado aos municípios fronteiriços que contemple o diálogo regional, visando adotar medidas conjuntas dos países e das províncias que possam resolver os problemas vividos nas cidades fronteiriças e para a solução de problemas aos quais os governos locais não têm competência legal e recursos específicos para tal enfrentamento e que emperram sobremaneira os fluxos, o comércio, a prestação de serviços públicos, o controle ambiental e sanitário e a segurança pública nas fronteiras e que efetivamente demandam a adoção de estratégias comuns e específicas dos dois países para o planejamento das áreas de fronteira, enfaticamente para as conurbações como o é nessa região.

2 - ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO PARA OS MUNICÍPIOS DA FAIXA DE FRONTEIRAS.

a) Desenvolver políticas públicas e programas nacionais específicos para as comunidades fronteiriças nas áreas de saúde, educação e assistência social das populações vizinhas.

b) Reconhecer que o conceito de desenvolvimento local na fronteira engloba as comunidades e os seus territórios dos países vizinhos e que o desenvolvimento local na Faixa de Fronteira exige a adoção de políticas binacionais de execução integrada;

c) Rever a postura governamental para as fronteiras como áreas de integração e não mais com base apenas na Doutrina de Segurança Nacional;

e) Promover o desenvolvimento integrado dos dois lados da fronteira;

f) Instituir uma só autoridade nacional como coordenadora de um processo de integração das políticas da União, dos Estados e dos Municípios para a Faixa de Fronteiras, em articulação com os órgãos correspondentes dos países vizinhos;

g) Instituir mecanismos fiscais e financeiros para estimular a preservação ambiental na Faixa de Fronteiras e o desenvolvimento de atividades econômicas sustentáveis;

h) Instituir indicadores diferenciados para transferência de recursos aos municípios fronteiriços que atendam às demandas das populações dos países vizinhos;

i) Criar mecanismos fiscais de compensação das diferenças de preços observadas em ambos os países.

j) Melhorar a logística de transportes e as malhas rodoviárias, ferroviárias e hidroviárias da Faixa de Fronteiras.

Com a perspectiva de gestão integrada dos três níveis de governo dos dois países, há uma extensa lista de problemas que reclamam solução prioritária.

3 - PROBLEMAS QUE RECLAMAM SOLUÇÃO PRIORITÁRIA.

a) Agilizar a assinatura de acordos bilaterais que permitam a integração das ações das forças policiais e do judiciário do Brasil e da Bolívia.

b) Aumentar os efetivos policiais civis e militares estaduais nos municípios de fronteira, criando uma estrutura especialmente treinada para atuar na fronteira, com autoridades judiciais e corpo técnico especializados;

c) Facilitar os fluxos de pessoas, bens e serviços nas fronteiras em consonância à globalização.

d) Ampliar e melhorar o sistema viário;

e) Equalizar o preço da energia na Faixa de Fronteira;

f) Integrar a rede de saúde brasileira com a dos países vizinhos na Faixa de Fronteiras;

g) Desburocratizar a emissão de documentos para estrangeiros;

h) Criar programas binacionais específicos de atendimento da população indígena;

i) Redimensionar a distribuição dos recursos do SUS para atendimento à população estrangeira nos municípios fronteiriços.

j) Rever completamente a Lei 6.634/79, pois a sua finalidade está invertida em relação às necessidades atuais de integração do desenvolvimento sul-americano;

k) Internacionalizar a Lei de Recursos Hídricos dos países e províncias, tendo em vista a emergência da água como ativo principal do mundo em futuro próximo;

l) Incentivar a preservação ambiental e o desenvolvimento de atividades sustentáveis no Pantanal e em outras áreas que devam sofrer restrições das atividades econômicas.

m) Desenvolver um Programa de Fomento ao Turismo Fronteiriço em parceria com os países vizinhos;

n) Para além das iniciativas que podem minimizar em curto prazo os problemas desta região da fronteira, queremos por último sugerir a Vossas Excelências que estudem com carinho o projeto de implantação do Pólo Gás-Químico nesta região da fronteira.

Um caminho para a resposta a essa pergunta foi dado pelas maiorias que elegeram os Presidentes Lula e Evo Morales, para as quais os seus mandatos representam, por si só, a esperança que todos acalentamos de que a integração é uma realidade sul-americana pautada no desenvolvimento sustentável do pantanal e na solidariedade entre os povos irmãos do Brasil e da Bolívia.

Respeitosamente,

Ruiter Cunha de Oliveira – Prefeito de Corumbá.

José Antonio Assad e Faria – Prefeito de Ladário.

Romualdo Hurtado Rodriguez – Prefeito de Puerto Suarez.

Aldo Clavijo Viruez - Prefeito de Puerto Quijarro.

Corumbá, 15 de janeiro de 2009.

Tabela de análise de UR's

JORNAL	EDIÇÃO/DATA	EDITORIA/MANCHETE	TRECHO
Correio de Corumbá	2436, de 03 a 09 de outubro de 2009	Saúde Vereador Machado quer mais um médico-legista para Corumbá (p.02)	“Corumbá tem aproximadamente 100 mil habitantes ou mais, somados á população de Ladário e pantaneiros, ultrapassa o 120 mil moradores nesta região, sem contar com os bolivianos (-) que são atendidos aqui também, mas somente conta com apenas dois médicos legistas, sendo que um se encontra de licença médica para tratamento de saúde por tempo indeterminado”
		Social Corumbaense será homenageado pela Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro (p.10)	“Depois de ocupar importantes funções na sede do Rio de Janeiro, inclusive como Assistente de Diretoria, nos últimos anos esse nosso ilustre conterrâneo exerce o elevado cargo de Gerente de Estratégia da Petrobras Bolívia (+) , no Departamento de Santa Cruz de lá Sierra, onde reside e é casado com a senhora Soledad Cerezo Salazar do Couto
Correio de Corumbá	2437, de 10 a 16 de outubro de 2009	Segurança Machado pede mais efetivo para a Polícia Federal (p.04)	“Nossas fronteiras (-) estão desprotegidas (...) uma fronteira (-) praticamente livre, gerando todo tipo de delitos (...) existe a urgente necessidade de se tomar às providências acima reivindicadas visando combater com maior efetivo a grave situação existente neste faixa de fronteira (-) , extremo Oeste brasileiro (...) Corumbá é um dos maiores municípios do país em extensão com mais de 64 mil Km2, localizado dentro do Pantanal e fronteira (L) com a Bolívia (L) e o Paraguai
Correio de Corumbá	2438, de 17 a 23 de outubro de 2009		
Correio de Corumbá	2439, de 24 a 30 de outubro de 2009	Coluna Farid Iunes Nosso governo ou nosso jornal (p.03)	“já tendo nos últimos dez anos diversas experiências no setor de comunicação, como por exemplo, em emissoras de rádio, TV, inclusive na Bolívia (+) ”

		<p>Educação Delcídio fala sobre energia para os alunos da Uniderp (p.07)</p>	<p>“Temos projetos de metalurgia e utilização do gás natural na fronteira com a Bolívia (+)”</p>
		<p>Geral Amanhã se comemora o Dia Nacional da Juventude (Suplemento)</p>	<p>“O dinâmico padre Fábio Vieira (...)está convidando toda comunidade corumbaense, ladarense e boliviana (+) para participarem das comemorações”</p>
		<p>Coluna Cléber de Olivera Jr Sem gás (p. 10) Economia Sonho Antigo (p.12) Coluna</p>	<p>“Após a mágica que transformou as empresas brasileiras em empresas bolivianas (-), a Bolívia (-) está sem uma alternativa clara para o seu principal recurso natural (...) A Bolívia (+) produz hoje cerca de 40 milhões de m³ de gás natural por dia” “(…) considerado o mais intenso de toda a área urbana do Município, além de ser a principal via de acesso à fronteira (+) com a Bolívia (+).”</p>
		<p>Nota Imperdível promoção de churrasco na quadra da escola de samba Caprichosos de Corumbá</p>	<p>“Amanhã, domingo, dia 25 de outubro, a partir das 11 horas, os corumbaenses, ladarenses e hermanos bolivianos (+) terão a oportunidade de saborearem um succulento churrasco completo”</p>
Correio de Corumbá	2440, de 31 de outubro a 10 de novembro de 2009	<p>Coluna Êneo da Nóbrega Fronteira (-) continua escancarada (p.04)</p>	<p>“A fronteira (-) com o país chamado de Bolívia (-), (...) não se sabe de quem é a competência de vigiar a fronteira (-)(...) nos países mais adiantados os militares federais atendem policiamento nas fronteiras (-) até catástrofes (...) nas fronteiras (-) caberia ao Exército dar apenas apoio logístico. Se os comandantes não concordam, que se deve criar a Guarda Nacional de Fronteiras (L) (...). Afinal de contas, toda fronteira (-) deve ser respeitada”</p>

Folha de Corumbá	1011, de 03 de outubro de 2009	<p>Geral Operação Laguna intimida bandidagem na região (p.02)</p> <p>Segurança Novo comandante da PM garante reforço na segurança de Corumbá (p.07)</p> <p>Social Mérito (p.11)</p>	<p>“(…)São cerca de 1500 militares do Comando do 6º Distrito Naval, da Força de Fuzileiros da Esquadra, do Comando-em-Chefe da Esquadra e da 18ª Brigada de Infantaria de Fronteira (L), sob o comando do Contra-Almirante Edlander Santos”.</p> <p>“(…)Investimentos na área de segurança, principalmente nas cidades localizadas na área de fronteira (L), como Corumbá, é o que planeja o novo comandante, coronel Carlos Alberto David dos Santos (…)”</p> <p>“(…) Mito, depois de ocupar importantes funções na sede do Rio, entre elas, a de Assistente de Diretoria, hoje, exerce o cargo de Gerente de Estratégia da Petrobras Bolívia (L), no departamento de Santa Cruz de La Sierra. Chiquetíssimo!</p>
Folha de Corumbá	1012, de 10 de outubro de 2009	<p>Segurança Machado pede mais efetivo para Polícia Federal (p.08)</p>	<p>“Nossas fronteiras (-) estão desprotegidas (...) Corumbá é um dos maiores municípios do país em extensão com mais de 64 mil Km², localizado dentro do Pantanal e fronteira (L) com a Bolívia (L) e o Paraguai (...) uma fronteira (-)praticamente livre, gerando todo tipo de delitos”</p>
Folha de Corumbá	1013, de 17 de outubro de 2009	<p>Segurança Flotilha de Mato Grosso completa 113 anos na terça (p.08)</p>	<p>“(…)representando um longo período de contribuição na defesa da fronteira (-) oeste do nosso País (...) fruto da visão da Marinha em defender os interesses nacionais da fronteira (-)Oeste”</p>

		<p>Cultura Feira no Moinho Cultural integra cultura fronteirica (+) (p.10)</p>	<p>“A Feira reúne artesãos e músicos de Corumbá e da Bolívia (+) (...) A programação inclui apresentações do Trio Fronteirico (+) (Bolívia) (+) e do cantor corumbaense Franklin Melo (...) serão instaladas 16 barracas com artesanatos e comidas típicas de Corumbá e da Bolívia (+), de onde participa a Colônia de Pescadores de Pueto Suárez”</p>
		<p>Social “Flagrantes by Sartory” Cultura (p.11)</p>	<p>“(…) um evento cultural com ritmos e gastronomia da fronteira (+) (...) evento reúne artesãos e músicos de Corumbá e da Bolívia (+) (...) Na programação, apresentações do Trio Fronteirico (+)– Bolívia (+) e do cantor corumbaense Franklin Melo</p>
<p>Folha de Corumbá</p>	<p>1014, de 24 de outubro de 2009</p>	<p>Editorial Fama Maldita (p.02)</p>	<p>“Deixou uma péssima impressão reportagem veiculada dias atrás por uma emissora de tv nacional sobre o contrabando de armas da Bolívia (-) para os morros do Rio de Janeiro (...) você entra e sai da Bolívia (-) com qualquer tipo de contrabando (...) Não sabemos se foi para dizer que, para atravessar a fronteira, (-) com qualquer tipo de contrabando, inclusive armas e drogas, basta pagar R\$ 1,00. ‘Apenas um real, só um real’, afirmou o entrevistado, ao se referir à facilidade de ir e vir nesta região de fronteira (-). De fato, quem se dirige à Bolívia (L) pela rodovia Ramon Gómez, tem mesmo que pagar R\$ 1,00, mas é o pedágio que se cobra para garantir a manutenção da estrada. Lá dentro, em Arroyo Concépcion também é cobrado uma taxa em dinheiro boliviano (L) (que representa um real), também como forma de pedágio (...) Agora, se a reportagem quis se referir ao livre acesso, à facilidade de retornar de lá (Bolívia) (-) com qualquer tipo de contrabando, que cobre as autoridades ligadas ao setor de segurança. Vão à Brasília e façam isto, afinal, fronteira (-) é questão de segurança nacional”.</p>

		<p>Cidade Bolivianos (-) estão na mira dos fiscais (p.08)</p>	<p>“(…) Diariamente, os fiscais de trânsito estão realizando blitzes repressivas na rodovia Ramão Gomez, na fronteira (-) com a Bolívia (-), para coibir que os veículos com placas estrangeiras trafeguem com passageiros em território brasileiro (...) ‘vamos articular com autoridades de Puerto Suárez e Puerto Quijro ações conjuntas para coibir essa prática ilegal em Corumbá’, disse a diretora-presidente da Agetrat (...)”.</p>
Folha de Corumbá	1015, de 31 de outubro de 2009	<p>Editorial Situação preocupante (p.02)</p>	<p>“A quadrilha, na segunda-feira, à tarde, assaltou uma empresa comercial no bairro Dom Bosco e, naquela mesma tarde, o bando foi preso em território boliviano (+), após uma ação de policiais daquele país (...) Policiais Federais identificaram 17 pontos de entrada de armas ilegais nas fronteiras (-) do Brasil com Peru, Bolívia (-), Paraguai, Argentina e Uruguai. (...) As mais conhecidas são as rotas de Corumbá (MS), com a entrada feita de barco pelo rio Paraguai, a partir da Bolívia (-); em Foz do Iguaçu e Guaíra (PR), pelo Paraguai e por Rondônia, na fronteira (-) com a Bolívia (-) (...) De acordo com a Polícia, as peças do arsenal do tráfico saem principalmente do Paraguai e da Bolívia (-)”.</p>
		<p>Economia Agesa investe R\$ 1,7 milhão para ampliar atendimento em Corumbá (p.05)</p>	<p>“A Agesa está investindo R\$1,7 milhão em obras de infraestrutura, para ampliar e melhorar a logística do posto alfandegado, localizado próximo à fronteira (+) com a Bolívia (+)”</p>

		<p>Geral Sindicato denuncia abandono de postos aduaneiros (p.08)</p>	<p>“Outro ponto fica em Corumbá, onde ‘as estradas de terra e trilhas abertas a menos de 100 metros da Receita Federal facilitam o contrabando e o tráfico de drogas, armas e munições na dívida do Brasil-Bolívia (-)’ (...) ‘Nos últimos anos, a Receita Federal ocupou a linha de frente no controle das fronteiras (-) (...)’ investimento em inteligência fiscal e policial, além do deslocamento e a contratação de mais servidores para as regiões de fronteiras (-), com a criação de adicionais de risco como estímulo (...) Outra proposta defendida é a integração e o fim de rivalidade entre os órgãos de fiscalização e policiamento de fronteiras (+) (...) O Sindicato ainda reforça a importância do uso da diplomacia junto aos países que fazem fronteira (+) com o Brasil, ações em conjunto com a Interpol e desenvolvimento de um Plano de Ação de Defesa”.</p>
		<p>Cultura III Kizomba abre Mês da Consciência Negra (p.10)</p>	<p>“(...) haverá apresentações culturais com oficinas de danças e músicas afro-brasileiras, africanas e bolivianas (+) (...) Durante o evento serão abordados os seguintes assuntos: Educação para a Diversidade (leis 10639/03 e Lei 11.645/08); História, Cultura Africana e Afro- Brasileira e Boliviana (+) (...) Participam da abertura da III Kizomba: autoridades municipais de Corumbá, Ladário; do Incra/MS; do Consulado da Bolívia (+); representantes do Movimento Negro Rural e Urbano; lideranças das comunidades Bolivianas (+)”</p>
<p>Diário Corumbaense</p>	<p>603, de 1º de outubro de 2009</p>	<p>Segurança Presos bombeiro e camaroneses com quase 12 quilos de cocaína (p.05)</p>	<p>“Segundo nota divulgada pela Polícia Federal, eles teriam afirmado que adquiriram a cocaína na Bolívia (-) (...) os policiais federais de Corumbá apreenderam 1 quilo de cocaína; a quantia de 26 mil, dólares (cerca de R\$ 46 mil) e prenderam dois camaroneses e uma boliviana (-) em um hotel da área central da cidade”</p>

		<p>Educação (artigo) Memorialistas e historiadores diletantes: suas contribuições para a história regional (p.07)</p>	<p>“(...) os primeiros estudos sobre a fronteira (+) foram produzidos por moradores da região, intelectuais com formação ou exercício nas áreas de Direito ou Jornalismo (...) Mais recentemente, na obra Fronteira (L) Oeste numa descrição sobre a trajetória historiográfica sul-mato-grossense, esse autor reafirma a importância dessas fontes e ressalta que a fronteira (-) de Mato Grosso do Sul ‘ainda encerra um tema aberto inesgotável para novas pesquisas e estudos’ (...) A lacuna é ainda maior em se tratando de estudos que abordam a história da educação na fronteira (-) (...) São muitas as conclusões sobre as obras dos memorialistas analisados, mas, sinteticamente, podemos afirmar que eles contribuem de forma bastante expressiva para a reconstituição da história da fronteira (+).</p>
Diário Corumbaense	604, de 02 de outubro de 2009	<p>Capa Exercício de guerra no Pantanal mobiliza Marinha e Exército</p>	<p>“A estratégia militar conta ainda com o apoio de 320 homens da 18ª Brigada de Infantaria de Fronteira (L)</p>
		<p>Editorial Tempos difíceis esses (p.02)</p>	<p>“A arrecadação despencou principalmente por causa da queda na venda do gás boliviano (-), cujo imposto é arrecadado por Corumbá (...) Mas agora é hora de pesar o dinheiro que o governo brasileiro destina para a Bolívia (-) (...)”</p>
		<p>Treinamento (Geral) Militares simulam operação de guerra no Pantanal de Corumbá</p>	<p>“Unimos as três Forças e em esta ação objetivamos maximizar a obtenção dos melhores resultados possíveis quando for necessário o emprego, de fato, das Forças Armadas”, explicou a este Diário, o comandante da 18ª Brigada de Infantaria de</p>

		(p.03)	Fronteira (L) (...)."
		Carnaval 2010 (Cultura) Caprichosos de Corumbá lança enredo hoje (p.11)	"O enredo será lançado na noite de hoje, sexta-feira, em ato programado para às 20 h, na sede do Centro Boliviano Brasileiro (L) "
Diário Corumbaense	605, de 05 de outubro de 2009	Polícia Sogra ameaça sumir com genro na Bolívia (-) (p.06) Esporte Jogos Paradesportivos premia campeões (p.11)	"(...) No BO, a vítima contou que a autora disse 'que iria pegar uns amigos policiais e mandar levá-lo para a Bolívia (-) '. (...)" "(...) As disputas ocorreram no Ginásio do Sesi, 17º Batalhão de Fronteira (L) e Boliche Mania (...)"
Diário Corumbaense	606, de 06 de outubro de 2009	Sem registros	
Diário Corumbaense	607, de 07 de outubro de 2009	Capa (manchete) Brasileiro é assassinado na Bolívia (-) Editorial O perigoso crescimento da nação (p.02) Polícia Estudante brasileiro é morto na Bolívia (-) com 5 tiros (p.05)	XXXXXXXXXX "(...) é uma situação latente que deixa alarmados os moradores de várias cidades brasileiras, e as mais prejudicadas são as de fronteira (-) , como Corumbá que sofre os reflexos da alta produção de cocaína na Bolívia (-) (...)" " (...) A Polícia boliviana investiga o caso (+) ."

		<p>Esporte Continuam abertas inscrições para 16ª edição da Travessia do Rio Paraguai (p.07)</p>	<p>“A travessia conta sempre com o apoio do Corpo de Bombeiros da cidade, Polícia Ambiental, 17º Batalhão de Fronteira (L) e da Marinha de Ladário”.</p>
		<p>Social Ilustre (p.11)</p>	<p>“O treinamento tem como objetivo principal garantir a soberania da fronteira (-) oeste do Brasil. Muito bom!”</p>
Diário Corumbaense	608, de 08 de outubro de 2009	<p>Ladário Mobilização incentiva denúncias de violência sexual contra crianças (p.04)</p>	<p>“É uma prática muito comum em locais com potencial turístico, festas populares, rodovias, grandes obras e regiões de fronteira (-) como Corumbá e Ladário”</p>
Diário Corumbaense	609, de 09 de outubro de 2009	<p>Polícia Denar desmonta quadrilha do tráfico de drogas em Corumbá</p>	<p>“Segundos os agentes do Denar, a quadrilha atuava no tráfico de drogas na fronteira (-) com a Bolívia(-) e seria a responsável pelos casos de roubos e furtos de veículos em Corumbá e Ladário. (...) Hélio Farias de Azevedo Lima, 25, o ‘Paulistinha’, quarto integrante da quadrilha, foi preso depois de passar o veículo Fiat Tempra para a Bolívia (+). (...)”</p>
		<p>Polícia Espanhol flagrado pela PM com cocaína (p.05)</p>	<p>“O espanhol Adrian Martel Quintana foi preso no final da manhã desta quinta-feira, 08 de outubro, acusado de tráfico internacional de drogas. Ele viajava num ônibus que fazia o trajeto Puerto Suárez (Bolívia (-)) Rio de Janeiro (...) Adrian informou os policiais que saiu das Ilhas Canarias e chegou até Santa Cruz de la Sierra, Bolívia (-), entrando pelo Peru, que deveria retornar para as Ilhas Canárias pelo Brasil através da fronteira (-) com o Brasil.</p>
Diário Corumbaense	610, de 13 de outubro de 2009	<p>Polícia DOF apreende cocaína em pacotes de suco e entre</p>	<p>“Os bolivianos (-) Cristobal Alborta Aguilar, 52, e Aurelia Belis Valência, 56, foram presos pelo Departamento de Operações de Fronteira (L) (DOF) (...)”</p>

		batatas (p.05)	
Diário Corumbaense	611, de 14 de outubro de 2009	Editorial Como concorrer com os preços baixos? (p.02)	“Os comerciantes de Corumbá sofrem muito com a concorrência do comércio boliviano (-) que nem dá pra dizer que é desleal. Do outro lado da fronteira (L) , se praticam preços mais baratos por causa da baixa taxação (...) É injusto talvez, mas não desleal, e por isso mesmo é que se tem que brigar por alternativas que se possam pôr (...) o comércio de fronteira batendo de igual para igual com o de outros países. (...) São essas pessoas que precisam se levantar e de qualquer forma cobrar, seja La MST, com marchas e caminhadas, seja com o panelaço, seja com imposição e brio da gente pantaneira, mas tem que fazer, de alguma forma para que a cidade realmente cresça e o comércio possa competir, de igual para igual com os irmãos bolivianos .”
		Polícia PM apreende contrabando de toalhas em matagal na Ramão Gomes (p.05)	“Em ronda pela Rodovia Ramão Gomes na tarde de segunda-feira, 12, policiais da Força Tática do 6º Batalhão da PM viram uma bolsa deixada num matagal próximo à fronteira (-) Brasil/Bolívia(-) . (...)”.
Diário Corumbaense	612, de 15 de outubro de 2009	Cultura Ator quer encenar Retomada de Corumbá (p.10)	“(…)Estive em Cuba, (...) e me informei sobre a importância de Che (Guevera) e daquela comunidade. Foi quando comecei a estudar e fiz um espetáculo que reconstitui a morte dele na Bolívia(+) , que é meu grande sucesso. Estou fazendo agora uma temporada fora do Brasil, fiz na Bolívia (+) exatamente onde ele morreu, dentro da sala de aula que ele morreu(...)”
Diário Corumbaense	613, de 16 de outubro de 2009	Capa Mostra exhibe o Pantanal no Rio de Janeiro	“Vivenciando o Pantanal som e imagens’ une música e artes plásticas na composição do cenário pantaneiro, mas do lado boliviano (+) da fronteira (+) (...) ”.

		<p>Cultura Exposição vai unir música e artes plásticas para retratar Pantanal (p.11)</p>	<p>“(...) As telas representam o Pantanal da Bolívia (+). ‘Uma exigência do patrocinador é que meus quadros representassem o pantanal boliviano (+) e assim eu farei. Esta é a segunda exposição desta forma, a primeira foi em 2005 na Bahia, quando também representei o Pantanal boliviano (+). (...) Independente de ser brasileiro ou boliviano (+), o Pantanal é único, é isso que representamos a beleza dos animais, dos canoieiros, dos camalotes, do Pantanal como um ecossistema sem fronteiras (+)’, disse Daltro. (...)”</p>
Diário Corumbaense	614, de 19 de outubro de 2009	<p>Economia Crise financeira causou enxugamento da receita orçamentária corumbaense (p.04)</p>	<p>“(...) ‘O volume do gás transportado caiu em torno de 60%. A arrecadação que ficava na faixa dos 90 milhões, hoje oscila em cerca de 30 milhões’, observou o secretário de Finanças, lembrando que a tributação de Impostos sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) desse recurso é feita na entrada do produto ao Mato Grosso do Sul. Corumbá é a porta de entrada do gás boliviano (-)no Brasil (...)”</p>
Diário Corumbaense	615, de 20 de outubro de 2009	SEM REGISTROS	
Diário Corumbaense	616, de 21 de outubro de 2009	<p>Cidade Viaduto da 13 de Junho é “emblemático” para Corumbá, diz Ruitter (p.04)</p>	<p>“Ruitter ainda destacou que o viaduto vai garantir maior fluidez de trânsito na via que leva para a fronteira (+), assentamentos e Bolívia (+)”</p>
		<p>Polícia Polícia apreende 200 peças de roupas sociais (p.06)</p>	<p>“Cerca de 200 peças de roupas sociais foram apreendidas pela Polícia Militar de Corumbá durante fiscalização na rodovia Ramão Gomez, principal estrada de acesso à Bolívia (-)”.</p>
Diário Corumbaense	617, de 22 de outubro de 2009	SEM REGISTROS	

Diário Corumbaense	618, de 23 de outubro de 2009	<p>Cidade Fiscalização da Agetrat vai fechar cerco aos taxistas bolivianos (-) clandestinos (p.04)</p>	<p>“A fiscalização aos taxistas bolivianos (-) clandestinos que atuam em Corumbá será intensificada (...) ‘O nosso taxista não entra na Bolívia (-) e os de lá não deveriam entrar aqui’ (...) há dificuldades em razão do grande número de carros particulares que diariamente cruzam a fronteira (-) (...) um guarda do órgão deve atuar diretamente na região do pedágio da rodovia Ramão Gomez, principal via de acesso à Bolívia (L) (...) ‘ De janeiro a setembro já fizemos 102 apreensões de veículos bolivianos (-). São apreendidos, encaminhados ao Detran. Estamos com média de 11 veículos bolivianos (-) apreendidos por mês’ (...) A Agetrat vai entrar em contato com autoridades bolivianas (+). ‘O nosso taxista não entra na Bolívia (-) e o de lá não deve entrar aqui’”.</p>
		<p>Cidade Brasileiros reclamam da concorrência desleal e dos prejuízos (p.04)</p>	<p>“E os taxistas locais sofrem com a concorrência desleal dos clandestinos da Bolívia (-) (...) o taxista Hélio Costa disse a esse Diário que os clandestinos bolivianos (-) praticam preços que complicam o serviço oferecido pelos brasileiros (...) Costa enfatizou que os taxistas brasileiros mantêm um fiscal na fronteira (-) - atuando em frente aos postos de táxi – para coibir esse tipo de prática.</p>
		<p>Cidade Obras no pátio alfandegado provocam filas na porta da Agesa (p.05)</p>	<p>“O primeiro dia de obras para pavimentação do pátio da Agesa, em Corumbá, causou insatisfação dos caminhoneiros que aguardavam a entrada no posto alfandegado para a regularização das mercadorias exportadas para a Bolívia (+) (..) enquanto aguardava a vez de entrar com o caminhão para ter a carga liberada para a entrega na Bolívia (+)”</p>

		<p>Ladário Milagres fortalecem fé em Nossa Senhora dos Remédios (p.07)</p>	<p>“Os poderes atribuídos á Nossa Senhora dos Remédios, que segura o Menino Jesus com o braço esquerdo e um ramo de bálsamo com a mão direita, ultrapassou municípios e fronteiras (+) (...) Chegam peregrinos de Campo Grande, Cuiabá, da Bolívia (+)e até de São Paulo (...)”</p>
Diário Corumbaense	619, de 26 de outubro de 2009	SEM REGISTROS	
Diário Corumbaense	620, de 27 de outubro de 2009	<p>Política Força Nacional de Segurança terá base em MS (p.03)</p> <p>Segurança Autoridades temem ação do crime organizado em MS (p.04)</p> <p>Polícia Polícia Boliviana (+) prende 4 suspeitos de roubarem R\$ 19 mil em Corumbá (p.05)</p>	<p>“(...) Força Nacional no Assentamento Itamaraty vai ocupar uma área de 34,5 hectares cedida pelo Incra e será responsável pela segurança de MS, MT e Paraná, estados que fazem fronteira (L) com Paraguai, Bolívia (L) e Argentina”</p> <p>“Indagadas sobre o fato de Mato Grosso do Sul estar perto dos países Paraguai e Bolívia (-), responsáveis por abastecer em armas e drogas o estado do Rio de Janeiro (...). Porém, armas e drogas do Paraguai e Bolívia (-) abastecem o crime organizado e a fronteira (-) seca de Mato Grosso do Sul.”.</p> <p>“A Polícia da Bolivia (+) prendeu no final da tarde desta segunda-feira, 26 de outubro, quatro dos cinco suspeitos de envolvimento no roubo (...)A prisão aconteceu porque familiares da vítima informaram aos policiais daquele país que o bando podia ter cruzado a fronteira (-) (...) Até o fechamento desta edição as Polícia Militar e Civil aguardavam a formalização dos trâmites legais para a entrega dos suspeitos pela Polícia Boliviana (+)”</p>
Diário Corumbaense	621, de 28 de outubro de 2009	<p>Saúde Proprietários podem agendar vacinação contra a raiva (p.08)</p>	<p>“(...) reforça a necessidade da aplicação da dose da vacina, principalmente a partir do surgimento de mais um caso de raiva em Puerto Quijarro, na Bolívia (-), o quarto do ano. (...) além dos quatro casos na Bolívia (-) (três em Quijarro e um em Puerto</p>

			Suárez), Ladário também registrou um caso este ano. ‘Por isso, devemos tomar todos os cuidados, inclusive com apoio às ações na Bolívia(+) ’”.
Diário Corumbaense	622, de 29 de outubro de 2009	Polícia Prisão de quadrilha solucionou sete crimes (p.06)	“O bando foi preso na Bolívia (+) , numa ação dos policiais daquele país. (...) ‘só que esperávamos o melhor momento para a prisão em flagrante, que foi feita pela Polícia Boliviana (+) , numa parceria conosco’, finalizou o delegado Gustavo Bueno.
Diário Corumbaense	623, de 30 de outubro de 2009	Ladário Kizomba, Tênis de Mesa e Ecobike movimentam Ladário (p.07)	“os atletas foram pré-selecionados em cada cidade para a competição, que ainda contará com um participante de La Paz, capital da Bolívia (+) ”.

